

R. 248
L. 01
P. 14



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PROC. **539**
LIV. ~~02~~
PAG. ~~03~~
REG. ~~3426~~

NUMÂNCIA
ou
A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNCIA

DISTRIBUIÇÃO SP

ENTRADA
12 / 01 / 71
DISTR. - 12 / 01 / 71
1.a CEN. - 12 / 02 / 71
2.a CEN. - 18 / 02 / 71
CERT. - / /
SAIDA - / /
TEMPO TRAM.
DIAS.

~~120~~
"O ~~ESCRITÓRIO~~
~~NUMÂNCIA~~"

02030

PROC.- 539
LIV.- 01
PAG.- 14
REG.- 448

DET. RM 13.6.72

MIGUEL CERVANTES

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBCEC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP Nº 15362

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: A Destruição de

Numância
Original de Miguel Cervantes
Música de Diversos Autores
Tradução de J. Carlos Lisboa
No Teatro Diversos Cidade São Paulo
Empresa GIN IND. (AGUAI) Pela Cia. _____
nos dias PARA CENSURA DA PEÇA

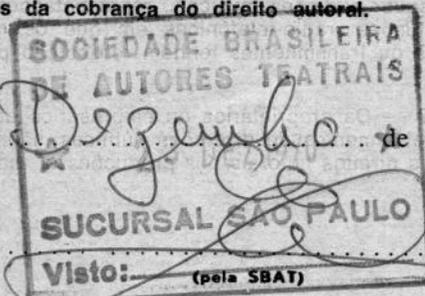
sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de _____ %
da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$
por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios colistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

S. Paulo 23 de Dezembro de 19 70

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.



Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ Único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legitimamente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNCIA

original: MIGUEL CERVANTES
versão modernizada: J. CARLOS LISBOA
adaptação: EDUARDO DE BARROS E ALMEIDA

personagens:

- CIPIÃO
- JUGURTA
- MÁRIO
- ESPAÑA (8 pessoas)
- MORTE
- NUMANTINO I
- NUMANTINO II
- GUERRA
- TEÓGENES
- PESTE
- MÃE I
- MÃE II
- MÃE III
- LIRA
- FOME
- CÓRO (8 pessoas)
- MULHER
- BARIATO
- SÉRVIO
- FAMA

SOCIEDADE BRASILEIRA
DE AUTORES TEATRAIS
★ 23 DEZ 1970 ★
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. N.º 15362

direção: EDUARDO DE BARROS E ALMEIDA

grupo de teatro do Ginásio Industrial
de Aguará

No início da peça, a gravação deste poema será ouvida como fundo dos ruídos e da música que estiver tocando:

Tôda vez que eu olho para Você, eu não compreendo.
 Por que Você deixou as coisas que Você fez tão fora de mão?
 Você as teria manejado melhor, se Você tivesse tudo planejado.
 Por que você escolheu um tempo de há tantos anos e uma terra tão estranha?
 Se você tivesse vindo hoje Você teria encontrado uma nação completa.
 Israel de quatro anos A.C. não tinha Missa Comunitária (comunicação)
 Não me compreenda mal,
 Eu apenas quero saber:
 Jesus Cristo, Jesus Cristo, quem é você? Por que você se sacrificou?
 Jesus Cristo, Super Estrela, Você acha que é aquilo que eles dizem?
 Que Você é?

Diga-me o que Você pensa de seus amigos aí do alto.
 Quem Você acha, além de Você, que possui a Segadeira?
 Buda esteve onde ele está, estava ele onde Você está?
 Poderia Maomé ter movido uma montanha, ou será que foi apenas um modo de dizer?
 Você pensava em morrer daquele modo? Será que foi um engano ou Você sabia que
 sua morte ~~messiânica~~ messiânica seria um sucesso de bilheteria?
 Não me compreenda mal, eu apenas quero saber.
 Jesus Cristo, Jesus Cristo, quem é Você? Por que Você se sacrificou?
 Jesus Cristo, Super Estrela, Você acha que Você é o que eles dizem que Você é?

(lêtra da música Superstar)

AS MÚSICAS QUE SERÃO USADAS NA PEÇA:

O meu Refrigerador Não Funciona - com Os Mutantes
 Kikie - com os Meninos do Congo
 Cultura e Civilização - com Gal Costa
 Preciso Encontrar Um Amigo - com Os Mutantes
 Ave Lúcifer - com Os Mutantes
 Halleluia - com Os Mutantes
 Superstar

A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNIA

adaptação: EDUARDO DE
BARROS E ALMEIDA

CENA 1

INICIA-SE O ESPETÁCULO COM GRAVAÇÕES DE MÚSICAS E RUIDOS QUE DEVEREM DURAR APROXIMADAMENTE QUINZE MINUTOS. DURANTE ESSE TEMPO, HAVERÁ PROJEÇÃO DE SLIDES (MAIS OU MENOS 10 SLIDES - ANEXO Nº 1). QUANDO ISSO TUDO ACABA OS ATORES JÁ ESTÃO NO PALCO OLHANDO EM DIREÇÃO A CÍPIÃO. OUVI-SE A GRAVAÇÃO, AS LUZES PERMANECEM APAGADAS:

GRAVAÇÃO

Pelo orgulhoso aprumo, pelo brilho de seu equipamento e de suas armas, eu os reconheço, amigos: são romanos; romanos, fortes e corajosos. Mas nessas brancas, delicadas mãos, nêstes rostos lustrosos, nos perfumes vocês desmentem essas armas; parecem, não romanos, mas fálhos de covardes...

VOLTAM OS BARULHOS DE GRITOS -- HÁ UM JOGO DE LUZES DURANTE ESSE TEMPO. NO FINAL ACENDE-SE A LUZ SOBRE CÍPIÃO, QUE COMEÇA A FALAR:

CÍPIÃO

Esta carga difícil e pesada que o Senado Romano me confiou vai, pouco a pouco, me tirando o sono e diminuindo minhas esperanças. Já está durando muito esta guerra: muitas vidas à Roma tem custado e, se me anima o anseio de vencê-la, não me apavora-me o ter de renová-la.

JUGURTA

Por que Cípião?... Quem conta, como você, ao lado do valor, com a boa sorte, sabe que tem nas mãos sempre seguras, a vitória final em qualquer luta.

CÍPIÃO

Nosso exército, esquecido de glórias e troféus, se desfaz na bagunça e na preguiça. Não pretendo, não quero senão isto: trazer a nossa gente à disciplina; pois corrigindo no princípio, os nossos vencerei facilmente os inimigos.
Mário! (ELE FALA GRIETANDO)

MÁRIO (ENTRANDO EM CENA)

Senhor!

CIPIÃO

Convoca tôda a tropa!

MÁRIO

Pois não!

CIPIÃO

Quero falar-lhes duramente!

MÁRIO (COMEÇA A SAIR)

Tá ok!

CIPIÃO

E não se detenha para nada!

(FALA MAIS CALMO AGORA)

Quero que saibam de meus novos planos
e voltem todos aos seus velhos hábitos.

JUGURTA

Não existe, meu senhor, um só dos nossos
que, ao mesmo tempo não o tema e ame.
Graças ao seu valor, que todos prezam,
eu sei que, quando as tropas ressoarem,
vão de querer lutar sob o seu comando,
com tanta bravura e ousadia
que ultrapassarão as mais fabulosas façanhas.

AS LUZES COMEÇAM A SE APAGAR LENTAMENTE - OUVEM-SE
RUÍDOS DE GENTE MARCHANDO DURANTE TRINTA SE-
GUNDOS - APÓS ISSO, AS LUZES PERMANECEM APAGA-
DAS - CIPIÃO ESTÁ DE PÉ E DE COSTAS PARA O PÚ-
BLICO E UM FOCO DE LUZ O ILUMINA.

GRAVAÇÃO

Não causa vergonha a vocês de Roma,
que uns poucos espanhóis aqui cercados
defendam este ninho de Numância?
Há mais de dezesseis anos que estamos em lutas
e milhares de romanos já foram destruídos sem
que eles perdessem seus homens e seu vigor.
Vocês mesmos estão se vendendo quando se entregam
ao prazer das mulheres e das bebidas, sendo
Se ainda têm vergonha, envergonhem-se de estar vencidos
por uma pequena aldeia...
Abandonem as taças de bebida,
expulsem daqui tôdas as meretrizes,
pois são elas as culpadas da preguiça
e da luxúria em que vocês caíram.
Não quero para vocês ou para mim
nenhum prazer por mínimo que seja,
enquanto atrás dos muros de Numância
souber que ainda vive um só dos bárbaros.

O FOCO DE LUZ SOBRE CIPIÃO SE APAGA - OS CARAS
EM CENA COMEÇAM A SE MOVIMENTAR - OS RUÍDOS E
TRANHOS RECOMEÇAM - OS CARAS SE APROXIMAM E CER-
CAM TRÊS MULHERES, RASGAM SUAS ROUPAS E AS ACO-
RENTAM - TUDO ISSO É FEITO SOB O MAIOR SILÊNCIO
QUE É QUEBRADO APENAS PELOS RUÍDOS. TODOS ESTÃO
DE MÁSCARAS E, APÓS TEREM ACORRENTADO AS TRÊS

XXXXXXXXXX

MULHERES JOGAM-NAS NUM CANTO QUALQUER E FORMAM UMA FILA E FICAM ANDANDO EM RODA PELO PALCO. ESTÃO DE CABEÇAS BAIXAS E ANDAM BEM DEVAGAR. OS RUIDOS PARAM E OS CARAS PARAM DE ANDAR E FALAM TRÊS VÊZES - "Alto e sereno céu que me coroa!" APÓS ISSO, ÊLES COMEÇAM A SE ARRASTAR PELO CHÃO DANDO SÓCOS OU TAPAS E PERMANECEM ASSIM DURANTE CÊRCA DE UM MINUTO. OUVE-SE O BARULHO DE UMA FORTE EXPLOSÃO - ENTÃO OS CARAS PARAM DE SE NOVIMENTAR E A ESPANHA COMEÇA A FALAR - (ENQUANTO ESPANHA ESTIVER FALANDO, OS OUTROS PERSONAGENS VOLTARÃO ÀS POSIÇÕES NORMAIS E FICAR SENTADOS)

ESPANHA

Alto e sereno céu que me coroa
e as minhas doces terras enriquecem:
se pode ter piedade dos que sofrem,
dos que sofrem como eu nessa hora extrema,
em piedade de mim, de sua Espanha
que se afega no luto mais amargo
pela cobiça dos conquistadores!...
Será possível que continuamente
as nações estrangeiras me escravizem?
Será que não verei a liberdade
sacudindo nos céus de minha bandeira?
Com razão se despejam sôbre mim os rigores
das penas mais ferozes, pois os seus
próprios filhos valorosos
em campos diferentes se dividem.
Nunca em proveito próprio se juntaram
os afastados ânimos valentes.
Ao contrário, nas horas mais aflitas,
a aflição mais e mais os separou.
E, com suas discórdias, convidaram
os covardes estranhos ambiciosos
a ferir-me e a roubar os meus tesouros,
castigando-me a mim e a todos êles.
Os mesmos vis e pérfidos romanos,
que conseguem vencer em mil regiões,
evitam enfrentar em campo aberto
os meus poucos mas bravos numantinos.
E tentam reduzir minha Numância,
não com as armas da luta descoberta
mas com o covarde cêrco de seus muros!
Sômente o rio Douro vence o assédio
e, entrando na cidade, ajuda e ampara
meu prisioneiro povo numantino.
Douro gentil, aqui eu lhe peço
que faça o que possa para salvar meus filhos.
Ninguém sabe até que extremos poderei sofrer
nesta guerra que corrói a minha carne
num desejo de morte e escravidão!

OS RUIDOS COMEÇAM MAIS FORTES - OS CARAS
VOLTAM A SE ARRASTAR PELO CHÃO - A MORTE
APROXIMA-SE DO CENTRO DO PALCO E FALA. OS
RUIDOS CESSAM COMPLETAMENTE E TODOS FICAM

NO LUGAR ONDE ESTÃO.

MORTE

Eu sou a morte! Estou destruindo as populações
e os campos verdes onde outrora
existiu a felicidade e a alegria.

ELA PARA DE FALAR, OS RUIDOS RECOMEÇAM -
TODOS SE MOVIMENTAM EM DIREÇÃO AOS SEUS
LUGARES PRIMITIVOS. ISSO DEVE DURAR CÊR-
CA DE TRINTA SEGUNDOS. OS RUIDOS CESSAM E
OS NUMANTINOS I e II APROXIMAM-SE DE CÍPI-
ÃO E OS CUMPRIMENTAM COM LEVE INCLINAÇÃO
DE CABEÇA.

CENA 2

NUMANTINO I

Vimos, nobre senhor, numa embaixada
e, conforme a licença que nos der,
falaremos aqui, perante todos,
ou somente com você onde quiser.

CÍPIÃO (CONTINUA SENTADO COM AR INDIFFERENTE)

Dom audiência onde estou! Podem falar.

NUMANTINO I

Já que sua grandeza assim permite
procurarei cumprir minha missão:
em nome de Numância venho a você,
orgulho justo dos Cipiões romanos,
a pedir que nos dê a mão amiga
como senha final de nossa luta,
luta cruel, travada a tantos anos
com tantas perdas para ambas as partes.

NUMANTINO II

Durante todo o tempo que durou,
não encontramos nunca um general
que pudéssemos propor um acordo.
Hoje porém que os fados resolveram
conduzir nossa nave a melhor porto,
recolhemos as velas dessa guerra
e lhe oferecemos uma paz honrosa.

NUMANTINO I

Senhor, não pense que o temor nos leva
a rogar essa paz que trazemos,
pois nossa resistência já deu provas
do poder valeroso de Numância.
Sua voz e virtude nos animam
a buscar para nós o privilégio
de fazer de você sincero amigo.
Foi isso que nos trouxe, General:
oferecemos e aceitamos a paz,

CÍPIÃO

Seu arrependimento é bem tardio!
Sua amizade pouco me interessa!
Exercitem de novo o seu braço,
que eu quero o meu do que é capaz,
pois que nêles se jogam num só tempo,

a minha glória e a sua desventura;
 Creio que é pouco prêmio a sua paz,
 depois de tantos anos de combate;
 renovemos a guerra com seus danos
 despertemos de novo as nossas armas.

NUMANTINO I
 Lembre-se, General, que essa arrogância
 dará nova bravura aos nossos braços.

NUMANTINO II
 Já que nega a paz honrosa e digna
 que viemos lhe trazer e oferecer,
 recorde-se que a causa de meu povo
 mais se engrandece agora com a recusa
 e, antes que você pise um palmo de Numância,
 vai conhecer a fúria do inimigo
 que veio lhe trazer a amizade e foi repellido.

CIPIÃO (IMRACIENTE)
 Nada mais a dizer?

NUMANTINO I
 Não! nada mais!

NUMANTINO II
 Vamos fazer agora o que você quer,
 não querendo a amizade que trouxemos.
 Você há de ver muito breve o que podemos
 se mostrar também o que pode,
 pois uma coisa é discutir a paz
 e outra é romper entre as armadas lanças.

CIPIÃO (IRÔNICO)
 Dizer uma verdade! Haverá de mostrar-lhes
 que sei melhor da guerra que da paz.
 Não desejo aceitá-los como amigos,
 nem o serei jamais da sua terrinha.
 Podem voltar!

(LEVANTA-SE E VIRA AS COSTAS)

NUMANTINO I
 É seu desejo?

CIPIÃO (SEM SE VOLTAR)
 Agora!

NUMANTINO I
 Assim seja! Verdá que os numantinos
 sabem num tempo oferecer a trégua
 mas sabem, mais que tudo, honrar a guerra.

CIPIÃO SAI DO PALCO E OS NUMANTINOS APROXI-
 MAM-SE DOS OUTROS PERSONAGENS ENQUANTO A LUZ
 SE APAGA - HUIDOS DE TAMBORES DURANTE TRINTA
 SEGUNDOS - A GUERRA CHEGA AO CENTRO DO PALCO
 - A LUZ SE ACENDE SOBRE ELA:

GUERRA
 Em sua a Guerra, a poderosa guerra

por tôdas as mães do mundo detestada.
 Mesmo aquêles que ignoram meu poder
 entre brados de horror me amaldiçoam.
 Hoje faço tombar no pó do chão
 o valor desta gente numantina,
 mas um dia virá que a ressuscite,
 para esmagar êsse invasor romano.

A LUZ SE APAGA NOVAMENTE - OS TAMBORES RECOMENÇAM MAIS FORTES E PROSSEGUEM POR MAIS QUINZE SEGUNDOS - O BARULHO TERMINA COM UM GRITO BEM FORTE - OUVI-SE A GRAVAÇÃO:

GRAVAÇÃO (VOAZ DE MULHER)

Estamos em Numância, num lugar qualquer do Universo e do tempo.
 Estamos cercados e nossas vidas já não valem um pedaço de pão.
 após todo o sofrimento de dezesseis anos de torturas e guerra.
 Após dezesseis anos de desamor e sofrimento, nada mais nos resta
 senão buscar o fim...

APÓS A GRAVAÇÃO TEGENES E OS DOIS NUMANTINOS ESTÃO NO CENTRO DO PALCO.

CENA 3

TEGENES

Conselheiros, cheguei à conclusão de que
 tudo conspira contra nós,
 pois dia a dia cai a nossa força
 e diminui a gente de Numância.

Os romanos cercaram a cidade
 com fundos fossos e maciços muros,
 e dessa forma repugnante nos acabam.
 O cerco é de tal modo organizado
 que nenhuma saída já nos resta.

Se vamos lutar homem a homem,
 teremos quatro mil da nossa tropa
 para enfrentar oitenta mil dos deles:
 serão vinte romanos bem contados
 para cada soldado numantino.

Respondam se encontram alguma saída
 que nos salve da fria:

De um lado, o dura assédio prolongado
 já nos promete a sepultura a todos;
 de outro lado, essas valas que cavaram
 impedem que possamos lutar
 e provar o valor dos nossos braços.

NUMANTINO I

Se pudéssemos ir saltando as valas
 para uma luta igual em campo aberto,
 o exército romano provaria todo o poder
 da nossa juventude.

Contra o estôrvo de número e da morte,
 o valor desses braços espanhóis
 romperia os caminhos inimigos,
 para a felicidade ~~numantina~~ de Numância.
 Já que dentro dos muros da cidade
 estamos encerrados como feras selvagens,
 provemos o valor do nosso povo
 mantendo sempre a nossa frente erguida:

proponhamos aos nossos inimigos,
já cansados também do longo assédio,
que se decida a sorte dessa ~~luta~~ guerra
numa batalha singular.

NUMANTINO II

Concordo! E se não fôr aceita esta proposta,
teremos que buscar novo caminho,
embora com mais riscos para nós.

... (FICA UM POUCO PENSATIVO)

...E se rompêssemos na noite escura
as valas e as muralhas que nos cercam,
e mandássemos nossos emissários
aos amigos que temos, de outras vilas,
dispostos a ajudar-nos nesta luta?

TEGÊNES

Pela linha romana ou pela morte
temos que abrir caminho à nossa vida;
que importa conservá-la nêsse instante
se a derrota é perdê-la e desonrá-la?

NUMANTINO II

A fome que nos ronda a cada passo
me aconselha a aprovar qualquer proposta,
mesmo que seja a de buscar a morte
para evitar a afronta que sofreremos.
Quem não quiser morrer de fome aqui
venha comigo derrubar os muros
e abrir caminho à força pela espada.

NUMANTINO I

Esperem! Será essa, a decisão,
se não logramos antes de desafiá-los.
Proponho que se peça ao inimigo
o campo para uma luta singular.
Mandaremos daqui um numantino
para enfrentar qualquer dos seus soldados,
e que a morte do nosso ou do romano
ponha termo a esta guerra de uma vez.

TEGÊNES

Se os de Roma aceitarem tal proposta
e se vocês têm fé na força do meu braço,
contem com êle e todo o meu esforço
para representá-los nesta luta.

NUMANTINO I

Meu grande capitão, grande Tegênes,
bem se pode confiar a seu valor
empresas mais difíceis e arriscadas,
pois, que é sempre o primeiro entre os melhores.
Prezo tanto o poder da sua arma
que já será bastante glória minha
ver o portador do nosso desafio.

NUMANTINO II

Tentemos falar com êles
antes que a fome
nos transtorne a mente
ou enfraqueça suas mãos guerreiras.

NUMANTINO I

Que o céu revogue tôdas as sentenças
que ainda possam pesar sôbre Numância!
E que esta prova que lhe oferecemos
salve o povo da fome e da derrota.

OS TRÊS SAEM DE CENA - OS RUÍDOS RECOMEÇAM -
TODOS OS PERSONAGENS FICAM BATENDO COM AS MÃOS
NO CHÃO E EMITINDO SONS ESTRANHOS - ISSO
DEVE DURAR MAIS DE UM MINUTO - OS RUÍDOS PA-
SAM DE REPENTE E OS CARAS FICAM ONDE ESTÃO .
OS NUMANTINOS ESTÃO AO LADO DE CIPIÃO.

CENA 4

NUMANTINO I

Numância vem pedir General,
que pense nos anos que perdemos
entre os danos e os males desta guerra
que censure o meu povo e os seus soldados.

NUMANTINO II

Se você quiser evitar que aumentem ainda mais
o sacrifícios para os dois exércitos,
Numância está disposta a terminá-los.

CIPIÃO

Pelas armas?

NUMANTINO I

Sim, pelas armas!
São em luta entre os dois bandos, frente a frente,
mas numa breve e singular batalha.

CIPIÃO

Não!

NUMANTINO II

Espere senhor! Em campo vasto
um dos nossos soldados se oferece
a combater qualquer dos seus homens
e terminar assim a nossa luta.

CIPIÃO

Não!

NUMANTINO I

Se oddestino assim determinar
que um dos dois caia morto,
- se for o nosso, então você terá Numância,
- se não o meu, já não teremos mais guerra.
Responda, Resolvemente, no que propomos
para chegarmos mais breve ao fim.

CÍPIÃO

Mada o seu desafio em rôgo humilde,
se não quiser provar no seu pescoço
e no pescoço d'esses orgulhosos
o poder das espadas de meus soldados.
E assim mesmo hei de ter sua Numância,
sem que perca um só dos meus homens;
sem que salte estas valas e este muro
o mais desabugado numantino.
Se achar covardia que eu recuse
à proposta atrevida que fizeram,
leve o vento com a vergonha de escutá-la
até que a Fama volte com a vitória.

(VOLTA AS COSTAS AOS NUMANTINOS E SAI DE
CENA ENQUANTO OS NUMANTINOS CONTINUAM FA-
LANDO)

NUMANTINO I

Não me quer ouvir, Cipião covarde?
Tem medo do combate de um a um?
Você compromete com a recusa,
o renome que sei que tinha antes.
Como chefe romano, exijo-lhe uma resposta...

NUMANTINO II

Todos os romanos são covardes.
Confiam, não no valor de seus braços,
confiam somente porque são inúmeros,
porque são vinte vezes quanto somos.
São pérfidos, cruéis e mentirosos,
ambiciosos, ingratos e tiranos,
têm astúcia e não valor na guerra.

NUMANTINO I

Que glória terá em derrotar-nos
se foge de enfrentar-nos peito a peito?..
Se deixa que esses muros nos sufocem,
já que com armas não podem fazê-lo?

RECOMEÇAM OS RUIDOS - TODOS OS PERSONAGENS
EM CENA ANDAM PELO PALCO - OS RUIDOS PAREM
DE REPENTE, UMA MULHER COMEÇA A FALAR:

PESSE

Eu sou a Peste, que segue os rastros da guerra
ceifando o chão de incêndios que ela semeia.
Mino os corpos que fere nas batalhas
e os que escapam de você ^{colho-os} ~~engulfo-os~~ nos braços.
Salto com você fossos e muralhas
e onde não chega com suas armas
chega o meu sopro frio de extermínio.

VOLTAM OS RUIDOS QUE DEVERÃO DURAR TRÊS
MINUTOS - OS CARAS APROXIMAM-SE DO PU-
BLICO COMO SE FÓSSEM A ATACAR AS PESSOAS -
ALGUNS ROLAM PELO CHÃO - A GRITARIA E O
BAUULHO DEVEM SER INSUPOORTÁVEIS - DURAN-
TE ESTES TRÊS MINUTOS, HAVERÁ PROJEÇÃO
DE SLIDES (ANEXO 2). APÓS ISSO, OS NUMAN-
TINOS I e II e TEOGÊNES APROXIMAM-SE UM
DO OUTRO, OS PERSONAGENS FORMAM-SE EM RO-
DA E TODOS SENTAM-SE NO CHÃO.

CENA 5

TEOGENES

Falhou também o nosso desafio
 como vocês acabam de ouvir relatado.
 Creio que agora nada mais nos resta
 senão buscar a morte cara a cara.
 Mostremos nessa noite aos inimigos
 quanto pode o nosso o vigor dos nossos peitos:
 assaltemos as valas e as muralhas,
 saiamos para o campo dos romanos,
 ali busquemos livres a nossa morte:
 não esperemos mais como covardes
 entre esses muros que nos apodrecem.

NUMANTINO I

Teógenes, não penso noutra coisa,
 não desejo senão sair com os nossos
 e desfazer, com as minhas próprias mãos,
 estas muralhas que nos matam.
 Mas se souberem disto na cidade,
 se as mulheres suspeitam desta idéia,
 será impossível realizá-la.

NUMANTINO II

Já suspeitam de tudo, há muito tempo;
 esuberam das propostas do conselho
 e, por tôdas as ruas se reúnem
 espôsas, mães, noivas e namoradas
 para vir suplicar que os nossos homens
 não as deixem aqui.

(AS MULHERES COMEÇAM A SE APROXIMAR)

NUMANTINO I

Ei-las que chegam!

MÃE I

Senhores nossos: se nos maus momentos
 que Numância sofreu até agora,
 e se, nas boas horas de alegria,
 sempre mostramos ser espôsas dóceis,
 como vocês têm sido bons maridos,
 por que querem agora transformar-se
 e, na angústia maior que o céu nos dá,
 provar tão mal o seu antigo amor?

MÃE II

Se na luta querem perder as vidas,
 lembrem-se que também perdem as nossas,
 desamparando-as antes à desonra.
 Seria bem mais próprio de guerreiros
 que a sua mesma arma nos ferisse...
 ...antes que os inimigos nos tocassem;
 ou que, então, permitissem de uma vez
 que tôdas as espôsas da cidade
 fôsem lutar ao lado dos maridos,
 junto deles colhendo a mesma morte.

MÃE III

Que estão pensando guerreiros?
 Alimentam, em verdade,
 a idéia de abando nar-nos?
 Pretendem deixar as virgens
 para prêmio dos romanos?
 E as bodas já prometidas,
 para que as gozem os bárbaros?
 Os nossos filhos queridos, nascidos em liberdade,
 querem torná-los escravos?...
 Antes os visse enforcados
 nos próprios braços maternos,
 e mortas tôdas as noivas
 pelos punhais de seus noivos,
 e nossas casas a arder,
 queimadas por nossas mãos.

MÃE I

Os cães que guardam rebanhos
 não podem desampará-los,
 deixando ovelhas sem guia,
 sem amo, sem proteção.
 Se querem sair daqui
 para enfrentar os romanos,
 levem-nos com vocês:
 nossa vida é sua e nossa morte também.

MÃE II

Pobres filhos de Numância,
 onde estão filhos queridos?
 Por que também não clamam,
 não rogam com as suas lágrimas,
 para que estes pais ferozes
 não nos deixem sem amparo?
 Já basta que a negra fome
 nos acabe pouco a pouco,
 sem esperar o rigor das rudes lanças romanas.

(TODOS FICAM IMÓVEIS - AS LUZES APAGADAS)

GRAVAÇÃO (VOZ DE MULHER)

Gritem com tôda a força
 gritem a todos os ventos
 que foram gerados livres,
 que em liberdade nasceram,
 e que as suas bravas mães
 livres também os criaram.
 Se nada mais os espera
 peçam por vocês mesmos de joelhos,
 a quem lhes deu vida livre
 que agora lhes dê a morte,
 em lugar da escravidão!...
 Muros de minha Numância,
 se podem gritar também,
 gritem mil-vêzes comigo:
 - Liberdade, numantinos!

(AS LUZES SE ACENDEM - OS PERSONAGENS MOVIMENTAM-SE PELO PALCO E GRITAM NUMA SÓ VOZ:

- "Numantinos, liberdade!")

LIRA APROXIMA-SE E SE AJOELHA FRENTE A TROÇA-

LIRA

As virgen também confiam
 no braço de seus guerreiros,
 único alívio e defesa nas horas negras de pena.
 Não nos deixem no abandono,
 dando prêsas tão preciosas,
 a mãos cheias de cobiça que não merecem favores.
 Meu coração adivinha que,
 essa nova saída, vai dar vida aos romanos
 e morte à tóda cidade.
 Zombarão os inimigos de seu inútil valor,
 porque os nossos são quatro mil
 contra oitenta mil romanos!
 Pensem que somos um só
 para a sua decisão:
 fiquemos todos aqui
 ou saiamos todos nós!
 Velhos, mulheres, guerreiros,
 crianças e sacerdotes, para a vida e para a morte,
 estejamos todos juntos!
 que o céu nos salve ou nos perca,
 nos dê vida ou sepultura,
 mas seja uma só de todos:
 glória ou morte de Numância!

TEOGENES (ESTENDE A MÃO PARA LIRA PARA QUE ELA SE LEVANTE)

Doces, fortes mulheres de Numância,
 limpem os olhos úmidos de lágrimas!
 Suas angústias são também as nossas
 e nosso amor é que responde ao seu.
 Vale por mim, por todos os guerreiros:
 pode crescer o nosso sofrimento,
 multiplicar-se a fome, a sede e a peste:
 estivemos com vocês por tóda a vida,
 estaremos com vocês para a morte!
 Apenas não queremos que o inimigo
 possa gozar dos bens que nos pertencem,
 bens que em tóda a existência aqui juntamos:
 proponho que se erga uma fogueira
 na praça principal, em frente ao templo,
 onde se queimem tódas as riquezas,
 desde as menores coisas que tenhamos
 aos mais ricos tesouros escondidos.
 E que as chamas abracem, queimem tudo
 e que não deixem nem sequer as cinzas
 para proveito ou glória dos romanos!

(OS TAMBORES RECOMEÇAM E VÃO AUMENTANDO
 GRADATIVAMENTE)

MÃE I (GRITANDO)

Queimemos tudo!

MÃE II (GRITANDO)

E seja logo!

MÃE III (GRITANDO)

Entreguemos as jóias à fogueira:

nunca aos romanos!

TÓDAS (GRITANDO)

Nunca!

(OS PERSONAGENS ANDAM PELO PALCO)

MÃE I

Vamos tôdas!...

MÃE II

Vamos tôdas!...Ao fogo!...

(TODOS COMEÇAM A CORRER E A GRITAR)

TODOS (GRITANDO)

AO fogo! Ao fogo!

A CORRERIA E O BARULHO DE TAMBORES PERMANECE POR MAIS DE VINTE SEGUNDOS E PARAM DE REPENTE - QUANDO TUDO ACABAR, TODOS FICAM IMÓVEIS - LIRA APROXIMA-SE DO PÚBLICO E FALA:

LIRA

A nossa vida vai aos poucos se acabando,
vai morrendo - não com o cerco
que mata nossa cidade -
mas com meus dias que fogem
que terminem talvez
antes que a guerra termine.

A ~~LUZ~~ ^{LUZ} SE APAGA LENTAMENTE - TODOS ESTÃO EM SILÊNCIO - COMEÇA A TOCAR O "KIRIE" E TODOS COMEÇAM A SE MOVIMENTAR LENTAMENTE - COMEÇA A PROJEÇÃO DE SLIDES (ANEXO 3) QUE PERMANECERÁ ENQUANTO A MÚSICA ESTIVER TOCANDO - QUANDO A MÚSICA SE ACABAR, UM FOCO DE LUZ IRÁ SE ACENDER E UMA MULHER (A FOME) IRÁ FALAR:

FOME

Irmãos, eu sou a Fome, a fome pálida
que começa nos campos devastados
e que cresce onde os braços do trabalho
estão presos nos punhos das armas.
Na procissão de males que conduzo,
vão mulheres, vão velhos, vão crianças,
e o fogo que lhes ponho nas entranhas
de mais que a febre das moléstias,
mais que o sangue que corre das feridas.

AS PESSOAS PARAM DE ANDAR DE REPENTE APÓS A FOME TER FALADO - O FOCO DE LUZ SE APAGA NOVAMENTE E TODOS SE AJOELHAM NOS LUGARES ONDE ESTÃO - A LIRA FALA:

LIRA

Não se acaba de tristeza
meu sôpro de vida pobre,
mas dessa fome terrível
que ronda em tôdas as portas
e vence tôdas as vidas.
(ue esperança de vida eu posso ter
se sou tão fraca, tão débil,
que às vezes tenho até medo
de morrer diante do amor?
Em casa, estão todos mortos,

e eu creio que ainda resisto
 não só pela juventude
 mas por força do amor,
 do sentimento que consegue transformar os homens
 e que me conforta e renova como uma fonte da vida.

RECOMEÇAM SLIDES (ANEXO 4) E GRAVAÇÃO COM VOZ
 DE MULHER:

GRAVAÇÃO (VOZ DE MULHER)

Nós estamos falando de amor e vivendo uma guerra cruel. Achamos necessário falar de amor e acreditar na felicidade, na alegria, para que possamos viver eternamente. As cidades estão cheias de homens e mulheres que se preocupam em ganhar o pão de cada dia, e, para isso, correm e matam. É importante que se pense que o pão de cada **vida** é o amor, a paz e a liberdade.

OS SLIDES PARAM -- OS CARAS SE LEVANTAM E COMEÇAM
 A CORRER E GRITAR ENQUANTO OS RUÍDOS TORNAM-SE
 FORTES E VIOLENTOS -- A BAGUNÇA DURA CERCA DE 4
 MINUTOS E PARA QUANDO OS RUÍDOS CESSAM E UM SI --
 NO BATE CINCO VÊZES -- O CÔRO COMEÇA A FALAR:

CENA 6
 CÔRO

Parece que a minha alma se converte
 neste pranto de horror que não contenho!
 Melhor seria contemplar a morte
 do que os despojos desta amarga vida!
 Entre as chamas que se erguem feito monstros
 arde toda a riqueza de Numância,
 todo o tesouro acumulado em anos
 e trabalhos, esforços e aflições.
 Lá segue o povo inteiro a despojar-se
 das coisas mais queridas de seus lares,
 dos adôrnos mais caros aos seus corpos,
 para vê-los arder nessa fogueira ...
 como se fôsser lenha seca ou palha...

NESSE INSTANTE, OS CARAS QUE ESTAVAM PARADOS, CO
 MEÇAM A ANDAR LENTAMENTE -- O CÔRO CONTINUA A FA-
 LAR -- UMA MÚSICA CALMA A TOCAR:

Não houve um só que se recusasse a dar,
 as lembranças mais íntimas, as jóias,
 os tecidos mais finos e as obras de arte,
 para nutrir o fogo redentor.
 A cobiça feroz dos romanos
 não terá de Numância senão cinzas,
 cinzas e sangue de todos e de tudo!

OS CARAS PARAM DE ANDAR LOGO QUE O CÔRO ACABA
 DE FALAR -- UMA MULHER APROXIMA-SE DO CENTRO DO
 PALCO E FALA:

MULHER

Eu sinto que nasce desta^s chamas,
 deste fogo feroz, uma alma forte
 que há de ser como o sol e a luz futura!
 O sangue que e o fogo purificam sempre:
 e deste fogo e deste sangue nosso
 há de nascer a Espanha grande e livre;
 há de nascer um mundo cheio de novas
 e maravilhosas esperanças!

TODAS AS PESSOAS JÁ DEVERÃO ESTAR SENTADAS EM RODA
 ENQUANTO A MULHER ACABA DE FALAR -- TEOGENES COMEÇA
 A FALAR -- A MÚSICA PARA --

TEUGENES

Filhos meus, doces filhos de minha alma.
 Livres nasceram e livres ~~eram~~ viveram
 nesta sagrada terra de Numância,
 e não serão jamais escravizados
 porque ninguém nos vencerá jamais!
 Nem você querida esposa e minha vida,
 nem você há de sofrer que os inimigos
 ponham na sua beleza e no seu corpo
 manchas de olhares e mãos imundas.
 Hei de salvar-lhes desta afronta
 com minha arma e minhas próprias mãos!
 A fim de que a cobiça dos romanos
 não tenha de Numância senão cinzas,
 e a decisão terá que ser cumprida
 por mim, por todos nós, sem excessão.

MÃE I

Se houvesse um meio de escapar com honra
 dessa morte feroz que nos aguarda,
 ninguém seria tão feliz como eu.
 Mas se impossível outra salvação,
 ceibe você mesmo a glória de matar-nos,
 pois prefiro tombar sob seus golpes
 a viver ou morrer por mãos romanas.

OS DOIS SAEM DE CENA E ENTRA UMA MULHER VESTIDA
 DE NEGRO COM UMA VELA NA MÃO:

MORTE

Esse é um dia de glória para mim.
 Vê-se por tôdas as partes o que a fome semeou
 e a colheita abundante que terei:
 em cada cama - enfêrmos na agonia e
 famintos aos montões - em cada esquina,
 e, - nas praças, nas ruas da cidade -
 as armas dos próprios numantinos...
 matando suas mulheres e crianças...
 Venham comigo! Vamos-à ~~numancia~~ colina
 onde se ergue a fogueira arrasadora.
 Venham ver: são os homens de Numância
 gritando de dôr e desespêro,
 atirando-se ao fogo redentor! ...
 Venham comigo: vamos ver o fim!...

RUIDOS DE GRITOS -- OS PERSONAGENS VOLTAM A SE
 ARRASTAR PELO CHÃO -- OS RUIDOS VÃO-SE TORNANDO
 GRADATIVAMENTE, MAIS ALTOS E OS CARAS COMEÇAM
 A SE LEVANTAR E SUAS MÃOS SE TOCAM COMO SE
 FOSSE UM ESTRANHO RITUAL - NÊSSE ESPAÇO DE TEM
 PO, BARIATO E SÉRVIO APROXIMAM-SE DO CENBERO
 DO PALCO E ESPERAM QUE SE ACABE O BAHULHO -- AS
 PESSOAS VOLTAM A FORMAR-SE EM RODA E SENTAM-SE
 NO CHÃO QUANDO BARIATO E SÉRVIO COMEÇAM A FALAR:

CENA 7

BARIATO

Sérvio, você fala em fugir,
mas por onde fugiremos?

SÉRVIO

Não sei, Bariato!

BARIATO

Caminha, então, mais depressa,
senão estaremos perdidos!
Não vê que há três mil armas
correndo para matar-nos?

SÉRVIO

Não sei como fugiremos
com tanta gente nos perseguindo!
Não vejo caminho algum,
nem sei de lugar seguro!

BARIATO

Conheço um esconderijo
naquela torre mais alta;
conheço as portas, as escadas,
e ninguém nos nos achará.

SÉRVIO

Mas é tão longe, tão alto,
eu me sinto enfraquecido:
andamos e corremos tanto
que já não tenho mais forças.

BARIATO

Não quer vir?

SÉRVIO ...

Não posso...

BARIATO

Vaieser pior para você!
Se ficar na cidade
vão-lhe matar com certeza.
se não morrer primeiro
de fome ou de medo deles.

SÉRVIO

Não tenho forças: é inútil...
Depois, se alguém nos encontrar
NÃO escondidos lá na torre...

BARIATO

Ninguém nos encontrará!

SÉRVIO

...A morte será pior!

BARIATO

Fujamos, enquanto é tempo!

SERVIO

Não sei se será melhor!
Se vêm depois os romanos,
nos matam do mesmo modo
ou nos levam como escravos!

BARIATO

Os romanos?...Fugiremos.
Acharemos algum meio!

SERVIO

Bariato, fuge Bariato!

BARIATO (GRITANDO)

Venha comigo! (SAI CORRENDO)

SERVIO.

Não!...Adeus!...

BARIATO SAI CORRENDO E SERVIO CAI NO CHÃO,
MORTO - COMEÇA A TOCAR UMA MÚSICA E TODOS
COMEÇAM A SE MOVIMENTAR EM CENA ENQUANTO DU
RAR A MÚSICA - APÓS A MÚSICA, TEOGENES E DOIS
NUMANTINOS ESTARÃO PARADOS NO CENTRO DO PALCO
- OS CARAS FORMAM A RODA E FICAM SENTADOS .

CENA 8

TEOGENES

Sangue, bendito sangue dos meus filhos:
sangue das minhas próprias veias e de meu corpo,
per minhas próprias mãos sacrificado!...

Como pude encontrar tanta bravura,
tão funesta bravura, que bastasse
para cortar minha própria vida?...

Oh, céus, oh, céus vazios de piedade,
contemplem o que sou e o que há de mim!
Vê se xiste em tôda a minha carne,
se existe no meu sangue ou na minha arma,
outro desejo que não seja a morte.

Imaginem, valentes numantinos,
que eu seja o mais odiado dos romanos,
e vinguem no meu corpo a sua afronta
ensanguentando nêle as armas e as mãos!

TEOGENES ENTREGA SUA ESPADA A UM DOS NUMANTINOS
E CONTINUA A FALAR

Levantem esta lâmina terrível
onde o meu desespero ainda queima!
Lutem comigo para que eu não sinta
esta morte que me arde nas entranhas!
E, depois de cortá-la do meu sér,

arremessem o meu corpo às chamas;
 roguem que o fogo me devore intetiro,
 que o fogo me calcine os ossos,
 e que o vento desfaça minhas cinzas
 para acabar a dor que sinto em mim!

NUMANTINO I

Que novo modo de morrer você procura,
 Teógenes, grande e valoroso?
 E por que nos impõe, com seu pedido,
 essa nova desgraça para nós?

TEÓGENES

Se não morreu ainda no seu peito
 aquele velho brio numantino,
 toma essa espada e mate-se comigo!

NUMANTINO II

Seja assim para os três, e assim será!
 Mas lutemos na praça, ao pé do fogo,
 para que o fogo possa consumir
 o último sangue e as armas de Numância!

AS LUZES SE APAGAM - COMEÇA NOVA MÚSICA - CIPIÃO
 E MÁRIO ESTÃO DE PÉ NO PALCO (ESTÃO IMOVEIS) E OS
 OUTROS PERSONAGENS MOVIMENTAM-SE DURANTE A MÚSI-
 CA - NO FINAL, TODOS SENTAM-SE NO CHÃO.

CENA 9

CIPIÃO

Se não são mentirosos os sinais
 que vimos em Numância ultimamente,
 e se as minhas suspeitas não se enganam,
 temo que nosso bárbaro inimigo
 contra si mesmo se tenha erguido.
 Já não surge ninguém sobre a muralha,
 nem se escutam os pregões de sentinelas:
 o silêncio é tão grande e tanta a calma
 como se em paz tranquila e sossegada
 vivessem hoje todos de Numância.

MÁRIO

Se estiver de acôdo, General,
 num momento sairemos desta dúvida:
 subirei pelo muro e, lá de cima,
 poderei observar toda a cidade.

CIPIÃO

De acôdo, Mário!

MÁRIO SAI DE CENA -- OS TAMBORES RECOMEÇAM FORTES
 -- O JOGO DE LUZ SOBRE CIPIÃO -- MÁRIO DEVE PERMANE-
 CER FORA DO PALCO CERCA DE UM MINUTO. APÓS ISSO
 ELE VOLTARÁ COM UM AR ENTRE SURPRÊSO E DESANIMADO
 CESSA O RUIDO DE TAMBORES.

MÁRIO

Oh, céus! Será possível!?

CÍPIÃO

O que houve, Mário?

MÁRIO

Numância não existe mais!
 Há apenas um imenso lago de sangue
 e mil corpos boiando neste sangue.

CÍPIÃO

Corpos sédentes? E nenhum vivo?

(NÊSSE MOMENTO, JUGURTA ESTÁ ENTRANDO NO PALCO.)

MÁRIO

Até onde meus olhos ^{puderam} ~~podem~~ ver,
 não vi nenhum vivo pela cidade!

CÍPIÃO

Vamos saltar a muralha, então! Mas com prudência!

Talvez o desespero dessa gente
 nos tenha feito esta última cilada!

Jugurta vai também! Vamos todos!

(CÍPIÃO FALA GRIEANDO)

JUGURTA

General, é melhor que não se arrisque:

pelo posto que tem, -e mais prudente;

convém poupar nosso comandante.

Vou ver...e logo sabemos a verdade!...

(JUGURTA E MÁRIO SAEM DE CENA)

CÍPIÃO

Que haja ao menos um vivo! Ao menos um!

Do contrário, talvez na própria Roma,

me seria negada esta vitória...

Bem sei que pela força, frente a frente,

ninguém poderia derrotar esta nação

tão cheia de valor e bravura!

Por isso é que tive que cercá-la

como fera selvagem,

para vencê-la pela minha astúcia...

Se um só não sobrevive - onde o triunfo?...

Quem poderá dizer que a domou,

feroz inimiga dos romanos?

(MÁRIO VOLTA AO PALCO)

MÁRIO

As nossas ^{FORÇAS FORAM} ~~empregadas~~ ~~empregadas~~

sem nenhum resultado, Cípião.

Foram em vão nossas diligências,

pois os nossos anseios de vitória

e toda a sua astúcia militar

se desfizeram como fumaça ao vento.

A triste história e o lamentável fim

desta invicta cidade de Numância

ficarão na memória do tempo.
Nossos projetos todos se perderam,
porque, mais forte que o poder de Roma,
foi a bravura deste povo inteiro!

CIPIÃO

O céu é testemunha do que eu digo:
não havia em meu peito nem orgulho,
nem de seje de mortes incontáveis,
nem bárbara arrogância - mas prudência.
Sempre usei de piedade e de justiça
e sei que ser complacente com os vencidos
engrandece o valor dos vencedores.

JUGURTA (QUE VOLTA NESSE INSTANTE)

Acabaram-se todos, General:
na cidade, não há nada senão cadáveres.
O céu não quis, porém que de Numância
pelo menos um filho não ficasse
para lhe dar a glória que mereceu.

CIPIÃO

Achou alguém?

JUGURTA

Creio que sim.

CIPIÃO (IMPACIENTE)

Como?

JUGURTA

Quando voltava, percebi,
no alto da torre, um movimento rápido:
tenho a impressão que era um jovem.

CIPIÃO

Viu?

JUGURTA

Moveu-se! Procurei por todos os lados!
não consegui achar nenhuma entrada.

CIPIÃO (GERTANDO)

Vamos todos à torre! Vamos todos!
Façamos o possível e o impossível
para ter este numantino
que há de ser o troféu desta vitória!
Se eu consigo apanhá-lo em minhas mãos,
hei de mostrar à Roma o meu triunfo!

JUGURTA (APONTANDO PARA BARIATO QUE APARECEU SOBRE A TORRE)

Ei-lo, senhor! E move-se! Está vivo!

CIPIÃO

Oh, céu bendito! Ajude-me a vencer!

BARIATO (GRITANDO LÁ DE CIMA)

Que pretendem, romanos nojentos?
Se em Numância, afinal, querem entrar,
retardem seus passos um momento.
Ainda conservo em minhas mãos
as chaves da cidade desgraçada,
vencida pela morte e não por vocês!

CIPIÃO

Por essas chaves é que venho aqui
esperando que você desça dessa torre
para entregar-me o prêmio que alcancei.
Só então você vai sentir que o vencedor
sabe usar de piedade com o vencido.

BARIATO

Tarde demais você propõe a sua clemência:
ninguém poderá mais se aproveitar dela...
O que me serviria essa piedade
depois de ter perdido pais e irmãos,
depois de ter sentido a fome e o fogo
a devastar as casas de Numância?
Guarda você mesmo o tesouro dessa tardia generosidade.

MÁRIO

Oh, jovem numantino, não percebe
que o desespero cegou seus olhos?
Não vê que desejamos resguardar sua vida e sua juventude?

BARIATO

Que valor pode ter a juventude
escravidada às lanças de um senhor?

CIPIÃO

Reflete um pouco, moço cusado,
refreia o seu ardor, modera o seu orgulho;
o que estamos propondo é mais do que justo:
você é um só - nós somos incontáveis,
nosso valor é superior ao seu!
Devo, portanto, sujeitar-se às nossas mãos.
E, se assim o fizer, - eu juro!
Será livre senhor de sua vida,
viverá o tempo que viver com todas
as vantagens generosas que, porventura,
em lhe possa oferecer.

AS LUZES SE APAGAM- OS CARAS SE MOVIMENTAM PELO
FELCO AARRASTANDO-SE E GRITANDO - UMA MÚSICA TO-
CA E ESSA MOVIMENTAÇÃO PERMANECE POR UNS DOIS
MINUTOS ATÉ QUE COMEÇA A GRAVAÇÃO:

GRAVAÇÃO (VOZ DE HOMEM)

Tudo o furor de quantos pareceram
dêste meu povo reduzido a cinzas;
todas os sofrimentos e traições
que êle sofreu, cercado tanto tempo,
- estão reunidos no meu peito agora.

O sacrifício e a coragem de Numância
 estão acesos no meu coração...
 e o pensar em vencer-me, é loucura...
 Pátria querida, Pátria desgraçada,
 não tema que eu vacile um só momento
 para cumprir o meu dever final.
 Nasci da sua carne - em você criei-me -
 sofri consigo em horas de amargor,
 mas saberei vencer meu próprio medo,
 assim como a astúcia do inimigo!
 Abandonem-me os céus, falte-me o chão,
 levantem-se os exércitos do mundo,
 - mesmo assim saberei, Pátria querida,
 defender-me contra todos em seu nome!
 E vocês, irmãos, amados numantinos,
 podem dormir tranquilos o seu sono,
 que eu cumprirei a sua decisão,
 pois os romanos não terão vitória
 nem sobre o cadáver de Numância!

CIPIÃO FAZ UM SINAL PARA JUGURTA E MÁRIO E
 ELLES PEGAM AS ESPADAS - NÉSSO MOMENTO CO-
 MEÇA A TOCAR "SUPERSTAR" E HA UMA CERTA MO-
 VIMENTAÇÃO EM CENA DURANTE O TEMPO DE MUSI-
 SICA E SEQUÊNCIA DE SLIDES (ANEXO 5) - QUAI-
 DO AS COISAS ACABAM, BARIATO GRITA:

BARIATO

Não se cansem em saltar os muros,
 pobres soldados de falso ardor!

(BARIATO RETIRA O FUNHAL NÉSSO MOMENTO)

Po r mais valor que houvesse em suas espadas,
 nenhuma seria igual a este punhal!
 Esta é a lâmina sagrada
 que, pelo amor dos mortos que me chamam,
 vai arrancar de sua Roma
 o orgulho da vitória de Numância!
 contemlem!...

(ELE CHAVA O FUNHAL EM SEU CORPO E CAI DA
 TORRE)

CIPIÃO

Oh, façanha exemplar e nunca vista!
 Não somente engrandece à Numância,
 mas exalta a Espanha e os seus guerreiros!
 Pela sua virtude heróica e estranha,
 mata o meu direito de conquista!...
 Ao tombar o seu corpo,
 oh bravo jovem,
 ergues mais alto ainda o seu valor,
 e derruba ao chão a minha glória!...
 Qualquer povo do mundo se orgulharia
 de ter como filho de seu sangue
 e, embora morto, ainda me causa pasmo
 como dá vida à terra de Numância!
 Você soube ganhar com feitos heróicos
 a batalha final da nossa guerra,
 e a fama há de contar por todo o tempo

como você venceu o que seria o seu vencedor...

Guardem, velhos soldados, este exemplo,
baixem suas cabeças diante dele
e aprendam desse jovem numantino
o valor de morrer para a vitória!

(TODOS BAIXAM A CABEÇA E SE AJOELHAM -- COMEÇA
A TOCAR UMA MÚSICA E A FAMA COMEÇA A FALAR)

FAMA

Sim, baixem a cabeça! e ouçam a voz,
a clara voz da fama, para sempre,
a eternizar o gesto heróico e puro
na memória de todas as nações!

Baixem, romanos, a soberba fronte
em respeito à essa livre juventude
que soube lhes arrebatat a vitória,
a mais honrosa que poderiam ter!

Esta proeza está lhes dando o indício do valor,
que nos séculos vindouros,
haverão de mostrar os filhos desta raça!

nem o tempo que consome os fatos,
nem a distância que amortece os ecos,
esquecerão jamais o nome de Numância pela liberdade!

(A MÚSICA CONTINUA A TOCAR ATÉ O FIM E QUANDO
TERMINA, TODOS ESTARÃO AJOELHADOS E DE MÃOS
DADAS -- APAGAM-SE TÓDAS AS LUZES)

--FIN--

eduardo

dezembro

1970



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNCIA
- b) Título original: ?
- c) Autor: MIGUEL DE CERVANTES
- d) Tradutor: J. Carlos Lisboa - adaptação: Eduardo de Barros e Almeida.
- e) Diretor: ?
- f) Produtor: Grupo de teatro do Ginásio Industrial de Aguaí - SP
- g) Companhia: -
- h) Classificação da Censura: Dezesseis anos.

II) Análise

- a) Gênero: DRAMA - Teatro renascentista.
- b) Argumento: Uma legião romana destina-se à conquista da cidade de Numância (Ibéria). Um seu comandante, Cipião, é convidado pelos defensores da cidade a designar um soldado romano a bater-se em duelo com um numantino, condicionando assim a vitória ou a derrota de Numância. Ante a recusa de Cipião, os numantinos decidem-se pelo suicídio coletivo de todos os seus habitantes e pela destruição dos bens, a fim de desonrar o exército romano e enobrecer a cidade. Somente um numantino, covarde, ousa esconder-se numa torre, portando a chave da cidade. Descoberto pelos romanos que desejavam ardentemente a chave, opta pelo suicídio também para não propiciar a glória aos romanos.
- c) Mensagem: A caracterização do espírito de resistência de Numância.
2 - Impressão final: A honra do povo numantino é salvaguardada pelo gesto heróico.
- d) Diálogos: Apropriados.
- e) Cenas: Só à vista do espetáculo.

f) Personagens: Cruéis, decididos, heróicos, covardes, corajosos.

g) Valor educativo: De conteúdo histórico.

III) Conclusão A natureza do espetáculo, apresentando atitudes de suicídio coletivo e, simultaneamente, de crueldade, propõe um conceito moral remoto pela inviabilidade histórica mas tendente a chocar público menor de dezesseis anos.

Brasília, 10 de fevereiro de 19 71.

Técnico de Censura - Cart. nº _____

DALMO PAIXÃO

Observações. Para efeito de apresentação desta peça, estão designadas algumas músicas relacionadas na 1ª página.

Uma delas, "Superstar", apresenta letra que, certamente, levantaria controvérsias idênticas à música "Jesus Cristo", interpretada por Roberto Carlos.

Assim, sugiro que para esta peça seja expedido o certificado sò mente após a confirmação ^{de} que tais músicas estejam liberadas.

f) Personagens: Diversos

g) Valor educativo: histórico

III) Conclusão Pelo tema apresentado sugerimos a liberação da peça para maiores de 16 anos, pois apresenta a peça cenas de violencia que a própria história conta. A consideração superior.

Brasília, 17 de Fevereiro de 19 71

Wilson Camargo
Técnico de Censura - Cart. nº 008
WILSON CAMARGO - Tec.Cens.008

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com os pareceres dos Técnicos de Censura DALMO PAIXÃO e WILSON CAMARGO, que a examinaram.

Título: A DESTRUÇÃO DE NUMÂNCIA

Autor : Miguel de Cervantes

Restr.: 16 (DEZESSEIS) ANOS.....POR AMBOS OS CENSORES

Obs: Peça liberada em 19.6.69 c/a restrição LIVRE C/CORTES

CLASSIFICAÇÃO em VIGOR - 14 anos

Em 18 de fevereiro de 1971

Manoel Miranda Ferreira
MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

*Libere-se com a
imprescindibilidade de
16 anos, uma vez
que difere sua
relação ao texto
autêntico.*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

**

Certificado Nº 3426/71

PEÇA === " A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNIA " ===

ORIGINAL DE MIGUEL CERVANTES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 22 de ABRIL de 19 76

Brasília, 22 de ABRIL de 19 71

PROIBIDO
PARA MENORES DE
16 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

Generalino
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 08, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNCIA "

Original de MIGUEL CERVANTES
Tradução de J. CARLOS LISBOA
Adaptação de EDUARDO DE BARROS E ALMEIDA
Produção de TEATRO DO GINÁSIO INDUSTRIAL DE AGUAÍ - /SP.

Tendo sido censurada em 17 de FEVEREIRO de 1971 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO P/MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS.
- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.



Wilson de Queiroz Garcia

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
- chefe da seção de censura

Brasília, 22 de ABRIL de 1971

~~Chefe da Seção de Censura~~
~~de Teatro do Congresso~~



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em 23 DE ABRIL DE 1 971

MEM. N. ²⁴⁶/71-SCDP
~~XXXXXX~~

Do CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA DO SCDP
Ao SR. CHEFE DA TCDP-DR-DPF/ S PAULO
Assunto PROVIDÊNCIAS /SOLICITA/

SENHOR CHEFE ,

SOLICITO AS SUAS PROVIDÊNCIAS NO SENTIDO DE QUE SEJA ASSISTIDO O ENSAIO GERAL DA PEÇA ABAIXO DISCRIMINADA, PODENDO SER ENTREGUE A DOCUMENTAÇÃO AO INTERESSADO, CASO A CLASSIFICAÇÃO ESTABELE-CIDA POR ÊSTE SCDP ESTEJA DE ACÔRDO COM O OBSERVADO NO ENSAIO, DEVENDO, POSTERIORMENTE, SER REMETIDO MINUCIOSO RELAÓRIO A RESPEITO.

PEÇA . A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNIA
AUTOR . MIGUEL CERVANTES
INTRS.- GRUPO DE TEATRO DO GINÁSIO INDUSTRIAL DE AGUAF-SP
ATENCIOSAMENTE,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇ. CENSURA

APC/



P. 539

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

REG: N° ~~1100~~ 1100/68
23/9/68

CENSOR:

"A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNÇA"

AUTOR: MIGUEL CERVANTES

Carimbo do S. C.

Antuação

Anexos:

Distribuição

Sec. Prot. 492

13/9/68

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092. de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 29^{de} Julho de 1968

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S.,
para fins de CENSURA, duas cópias da peça:

~~A DESTRUIÇÃO DE NUMANCIA - de M. Cervantes - trad. J. Carlos~~
~~Lisboa~~ próxima apresentação da ~~Festival de Amadores de Niteroi~~
~~no Teatro Municipal de Niteroi~~
com estreia marcada para o dia ~~Agosto de 1968~~

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior
consideração,

Djalma Bittencourt
Superintendente





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARECER

PEÇA TEATRAL : "A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNCIA"

Autor : CERVANTES

Versão de J, Carlos Lisboa (edição da Civ. Brasileira S/A)

Nota : a peça deve ser de domínio público, não devendo direitos autorais .

=====

Sendo a ação preventiva a maior finalidade da Polícia, mórmente a de Segurança à qual pertence o "SCDP", não tememos pecar por excesso de zêlo por is, assim, evitaremos deplorar qualquer omissão decorrente de excesso confiança .

Examinamos a obra em epígrafe e constatamos que Cervantes pretendeu glorificar os numantinos, seus compatriotas, por preferirem a auto-destruição a submeterem-se aos seus opressores : "os militares... romanos" .

O prefácio da edição encaminhada ao "SCDP" (contido nas abas da capa) diz : "... o drama joga hábilmente lances de guerra e amor, de piedade, heroísmo, desespero coletivo, até a destruição total pelas armas e pelo fogo, e nos infunde angústia, comiseração, espanto, assombro, os sentimentos que se cifra a catarse autêntica . Prova de seu poder avassalador sôbre as platéias tem dado sua representação nos momentos mais duros da vida espanhola : na Zaragoza sitiada pelo exército napoleônico de invasão no século XIX e no cêrco de Madrí pelas tropas de Franco, levantadas contra a República Espanhola na Guerra Civil de 1936-39." "... Cervantes estêve potentemente vivo na emoção de seu povo, como o estará hoje, em cada leitor da NUMÂNCIA..." .

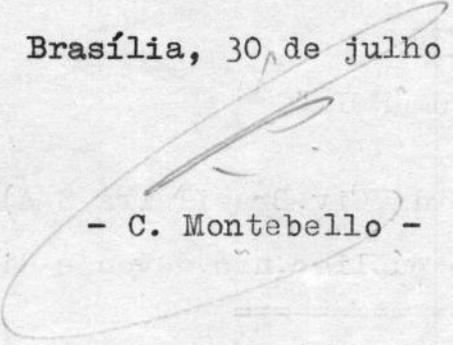
Por isso mesmo, presumimos que a escôlha dessa peça não tenha sido obra do acaso (parece que nunca foi representada no Brasil) e sim com a idéia de inflamar os brios da platéia a incentivá-los a uma atitude drástica (que, naturalmente, não será a do suicídio coletivo, como a contida no escrito) .

Imbuido do mesmo espírito inicialmente declarado, poderíamos sugerir fôsse observado o "Grupo Barracas", que pretende levar a público essa peça, a fim de que sejam desmentidas ou confirmadas nossas precauções .

Não tememos afirmar que a seleção da peça e, principalmente, do autor afirmado, se deve ao fato de verem baldados, pelo "SCDP", seus esforços (não nos referimos apenas ao "Grupo Barradas") em levar a público "intelectuais" contemporâneos, Pretendem, mais uma vêz, vituperar o "SCDP" que proibiria a apresentação de um dos grandes da literatura internacional .

Salvo melhor juízo da digna Chefia do "SCDP", opino pela interdição dessa peça, evitando-se que os interessados em concientizar o povo desfavoravelmente, com vistas ao atual Governo, tenham mais uma arma, representada por esse meio de comunicação que é o teatro.

Brasília, 30 de julho de 1968


- C. Montebello -

No Censor Decisor
para reexaminar.
Em 5/8/68.

Gonçalves

LAUDO CENSORIO

Título: A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNCIA

Nome do Autor: Miguel de Cervantes.

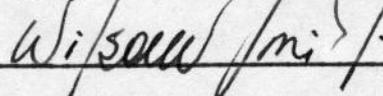
Nome do Tradutor: J. Carlos Lisboa.

Gênero: Tragédia em dois atos.

Não vejo nesta peça uma só palavra, um gesto sequer, que possa enquadrar-se no ról das apreensões enumeradas "por excesso de zêlo" em parecer que acompanha êste processo. A presente peça — tragédia de Cervantes — é um clássico do teatro, uma obra maravilhosa e uma criação artística que honra e dignifica as tradições de cultura do seu autor. Ela se refere aos feitos heróicos e à bravura dos habitantes de Numância, na Espanha, que preferiram auto-destruir-se a submeter-se à opressão e à prepotência dos conquistadores romanos. Os diálogos são, todos êles, colocados de maneira elevada, numa linguagem de alto nível hoje tão difícil no teatro. E a temática nos mostra uma história de heroísmo à tôda prova, de amor à Pátria, de solidariedade humana, digna de ser seguida. E que, diga-se de passagem e apenas à guisa de ilustração, já se repetiu na História do Brasil, na figura heróica do índio Ajuricaba, que preferiu atirar-se acorrentado às águas do rio Negro e morrer afogado, a ver-se submetido ao jugo dos opressores portugueses.

Com estas considerações, libero a peça por inteiro. E o faço, certo de estar agindo com bom senso e justiça. Não tenho restrições a fazer.

Brasília, 10 de setembro de 1968.



Wilson de Queiroz Garcia.

Censor Federal .-

Trabalho: A...
Nome do Autor: ...
Nome do Tradutor: ...
Editor: ...

... não vejo nada...
... não há...
... este processo...
... obra...
... a tradição...
... a linguagem...
... a estrutura...
... a forma...
... a função...
... a natureza...
... a essência...
... a realidade...
... a existência...
... a vida...
... a morte...
... a eternidade...

- URGENTE -

Em 11 de 68

Soal Sec Censura

Submeter à apreciação
do censor ~~...~~

QUEIROZ
Alaprou



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0285, p. 42

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 448/68

TEMA " A DESTRUIÇÃO DE NUMANCIA "

ORIGINAL DE MIGUEL CERVANTES

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 12 de SETEMBRO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 12 de SETEMBRO de 19 68

LIVRE

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MURLETHALER DE SOUZA

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0285, p.43

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 14/V, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada "A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNCIA"

Original de MIGUEL CERVANTES

Tradução de J. CARLOS LISBOA

Adaptação de _____

Produção de GRUPO BARRACAS

Tendo sido censurada em 12 de SETEMBRO de 1968 e r

a seguinte classificação: L I V R E

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE E VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT, DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 12 de SETEMBRO de 1968



JOSÉ SAMPAIO BRAGA =

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



teatro experimental de belo horizonte - m. g.

Exmo. Sr.

Delegado do S.C.D.P.

O Teatro Experimental de Belo Horizonte, vem mui respeitosamente submeter à esse órgão, o texto da peça " Numância: ou ficar a pátria livre ... ", de Miguel de Cervantes, a ser montada por este Grupo, com estréia marcada para 17 de setembro.

Respeitosamente,

Donato José Canfora

Donato José Canfora.

Administrador do Teatro Experimental.

M. J. D. E. P.	
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS	
Protocolo N.º	1774
Em	22/08/1968
	<i>auto</i>

RECEBI O PROGRAMA ANEXO

de 13 de Setembro de 1968
Joana de Sousa Paes



teatro experimental de belo horizonte - m. g.

Teatro Experimental de Belo Horizonte, sediado à Avenida Augusto de Lima, Condomínio Arcângelo Maletta, 17º andar, sala nº 1.709.

Peça: Numância : ou ficar a pátria livre ... "

Autor : Miguel de Cervantes , século XVI , escritor português.

Direção: Hamir Hadad.

Figurino e Cenário : Joel de Carvalho.

Administração: Donato Donati.

Assistente de Direção: Carlos Alberto Ratton.

Elenco: Jonas Bloch- Jota Dangelo- Neusa Rocha- Lenice de Almeida- Regina Reis- Mamélia Dorneles- Márcia- Arildo de Barros- Eduardo Rodrigues- João Marcos- Guido de Almeida- Sérgio Bini- Tinin- José Maria Amorim- Lígia Lira.

Apresentação: à partir de 17 de setembro no Teatro Marília.

Belo Horizonte, 12 de agosto de 1968.



POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL
D S G - SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

CÓPIA PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

REP. FEDERAL SEG. PÚBLICA
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
SETOR - CENTRO DE MENSAGENS

Recebido 3/9/68 Hr. *10:05*

Encaminhado - / / Hr -

AS -

SENHOR DONATO JOSÉ CANFORA
TEATRO EXPERIMENTAL DE BELO HORIZONTE-MINAS GERAIS
AV AUGUSTO LIMA VG CONDOMÍNIO ARCÂNGELO MALETTA S/1709

392

3-9-68

REFERÊNCIA SUA CARTA DEBADA 12 AGOSTO 1968 VG
INFORMAMOS VOSSA SENHORIA QUE PEÇA "A DISTRUIÇÃO DE NUMÂNCIA"
SÔMENTE SERAH CENSURADA APÓS REMESSA A ÊSTE SCDP DA AUTORIZA
ÇÃO DO AUTOR OU SBAT PARA REFERIDA PEÇA PT SDS ALOYSIO
MUHLETHALER DE SOUZA CHEFE SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0285, p.46

Capitão

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto
— de 1920. —



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0285.p.47

filial à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores,
— de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Teatro Experimental de B. Hte
Direitos de Representação **Autorização Nº 157296**

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral:

"Numância, ou Ficar a Pátria Livre"

Original de *Cervantes*

Música de

Versão

Tradução de

No Teatro

Empresa

nos dias

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

10% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ *4.000* por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

B. Hte 28 de *Agosto* de 19*68*
Tróvão Ferreira
(pela SBAT)
Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

Sr. Chefe da Seção de Censura.

O Teatro Experimental de Belo Horizonte - MG, enviou para exame deste SCDP a peça teatral "A DESTRUIÇÃO DE / NUMÂNCIA" de Miguel Cervantes, em tradução de JOSÉ CARLOS LIS BOA .

A referida obra foi examinada pelos Censores C.// Montebelo e Wilson Queiroz, que sugeriram respectivamente, // INTERDIÇÃO e LIVRE.

Em data de ontem, por decisão da Chefia deste Seção, foi referida peça liberada SEM QUALQUER RESTRIÇÃO - L I V R E, tendo sido expedido o Certificado nº 448/68 válido até 12 de setembro de 1969, para o Grupo Barracas.

Assim sendo, à vista do exposto, sugiro que seja mantido o mesmo critério classificador, expedindo-se, para / este Grupo os Certificados requeridos. - L I V R E . s.m.j.

À consideração superior.

Em, 13 de setembro de 1968

Jose Sampaio Braga
JOSE SAMPAIO BRAGA
TCTC- SCDP/DF



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0285, p.49

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 580/68

PEÇA / " A DESTRUIÇÃO DE NUMANCIA " /

ORIGINAL DE MIGUEL DE CERVANTES

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 13 de SETEMBRO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 13 de SETEMBRO de 19 68

LIVRE

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUEHLETHALER DE SOUZA.

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0285, p. 50

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 18, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada / " A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNCIA " /

Original de MIGUEL DE CERVANTES
Tradução de JOSÉ CARLOS LISBOA
Adaptação de _____
Produção de TEATRO EXPERIMENTAL DE BELO HORIZONTE
Tendo sido censurada em 13 de SETEMBRO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: L I V R E

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT, DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 13 de SETEMBRO de 19 68

JOSE Sampaio Braga
JOSE SAMPAYO BRAGA -

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

tese

teatro sedes
 faculdade de filosofia ciências e letras
 "sedes sapientiae" p. u. c. s. p.
 rua marquês de paranaguá, 111
 fones: 36-6814 e 34-7784
 são paulo

SENHOR DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS

João Marcio Cilas de Haro, brasileiro, solteiro, residente à rua Rosa e Silva, 113 - apto. 41, bairro de Santa Cecília, em São Paulo, Estado de São Paulo, em nome do grupo TESE (TEATRO SEDES) vem mui respeitosamente solicitar a expedição de certificado liberatório de Censura para o texto abaixo, juntando para tanto o requerimento por lei.

Texto: NUMANCIA

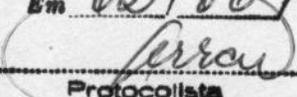
Autor: Miguel de Cervantes

Tradução - adaptação: José Rubens Siqueira

Nº de Atos: 2

Nêstes termos

P. Deferimento

M. J. D. P. F.	
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS	
Protocolo N.º	2000
Em	02/06/1969
 Protocolista	


 JOÃO MARCIO CILAS DE HARO
 Diretor Relações Públicas

RECEBI O PROGRAMA ANEXO		
Em	de	de 19



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97-3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0285.p.53

Direitos de Representação

Autorização Nº 162923

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: NUMANCIA

Original de Miguel de Cervantes
Música de
Tradução de Adap. José Rubens Sibreira
No Teatro Cidade
Empresa Pela Cia.
nos dias Para Censura da Peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, em moeda corrente, em pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente

S. Paulo 28 de de 1957

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

RECEBIDA
SUCURSAL DE S. PAULO
REP. DE AUTORES TEATRAIS
S. Paulo, de de 1957
(pela SBAT)
visto

NUMÂNCIA

Miguel de Cervantes

Tradução-adaptação: José Rubens Siqueira (*)

PERSONAGENS

- | | |
|-------------------------------------------------|----------------|
| 1. Cipião, general romano | 28. Morte |
| 2. Mário, soldado | |
| 3. Jugurta, soldado | Seus imediatos |
| 4. Fábio, decurião | |
| 5. Numantino 1 | |
| 6. Numantino 2 | |
| 7. Numantino 3 | |
| 8. Espanha | |
| 9. Sacerdote 1 | |
| 10. Sacerdote 2 | |
| 11. Demônio | |
| 12. Teógenes, governador de Numância | |
| 13. Marandro, jovem numantino | |
| 14. Leonicio, jovem numantino | |
| 15. Marquino, sacerdote | |
| 16. Milbio, seu auxiliar | |
| 17. Morto | |
| 18. Mulher 1 | |
| 19. Mulher 2 | |
| 20. Mulher 3 | |
| 21. Lira | |
| 22. Um menino de Numância | |
| 23. Mãe 1 | |
| 24. Mãe 2 | |
| 25. Servio, jovem de Numancia | |
| 26. Viriato, jovem de Numancia | |
| 27. Fama | |
| Soldados romanos e o povo da cidade de Numância | |

(*) Do original espanhol "El Cerco de Numancia", in
Obras Completas de Miguel de Cervantes Saavedra,
 Aguilar, S.A. de Ediciones, Madrid - 1952
 pp. 147 a 176

1. As luzes da plateia permanecerão acesas durante toda esta primeira parte, assim como a entrada para o auditório ficará aberta, com as luzes acesas. É um pequeno prólogo.

Rufar de tambores muito forte.

Entra Mário e lê um comunicado.

MÁRIO: O general Cipião convoca todos os soldados para uma assembleia geral. Os batalhões devem estar armados e em formação. O não comparecimento será severamente punido.

Mário sai.

Começa um grande ruído de armas, gritos, correria dos soldados que se reúnem. Depois de algum tempo entra Cipião, Mario, Jugurta e Fábio.

CIPIÃO: Companheiros! Há mais de dezesseis anos que estamos nesta guerra. E uns poucos espanhóis cercados entre seus muros se orgulham de defender este ninho de Numância e de já ter aniquilado milhares de romanos. (pausa). Eu reconheço essas armaduras brilhantes, essas lâminas afiadas, esses elmos altivos e agressivos. São romanos. São romanos. (pausa). Mas essas mãos brancas e delicadas, essas caras gordas e lustrosas mais parecem coisa de reles povo bárbaro. Que fraqueza é essa, amigos? Que fraqueza é essa tão estranha? Se não me engano é a fraqueza nascida da preguiça. Os muros desta cidade são testemunhas de nossas forças vãs que de romanas só tem o nome. Enquanto o mundo todo treme à simples menção do nome de romanos, vocês aqui na Espanha, esquecem a glória e a fama de Roma e mergulham na preguiça e na lascívia. Armas reluzentes e bandeiras pintadas não derrubam muralhas. É preciso esforço e disciplina. (pausa). De hoje em diante novas regras deverão ser rigorosamente obedecidas. As meretrizes, que trouxeram para o nosso acampamento os vícios e a preguiça têm de ser expulsas. Todas. A bebida será controlada e cada batalhão deverá ter apenas um copo. As camas macias devem ser desmontadas. Os soldados devem dormir em catres de madeira no chão. E nada de banquetes e de festas, pois quem se dá a estes luxos não aguenta nem com a própria armadura. (pausa) Minhas ordens podem parecer injustas, severas demais, mas no fim vocês verão que eu tenho razão. A preguiça não enriquece ninguém. São o esforço e a disciplina que constroem os impérios. E é isso que teremos: trabalho e regulamento duro.

E nada de prazeres e de diversões enquanto existirem espanhóis vivos em Numância!

Entra um soldado.

SOLDADO: General, dois embaixadores numantinos pedem uma audiência.

CIPIÃO: O que é que êles querem ?

SOLDADO: Querem apresentar uma proposta.

CIPIÃO: Faça entrar.

O soldado sai e volta com dois numantinos.

NUMA 1: Queremos licença para falar com o general.

CIPIÃO: Falem aqui mesmo, na frente dos meus soldados.

NUMA 1: Durante os dezesseis anos desta guerra nunca encontramos um general com quem pudéssemos falar e propor um acôrdo. O senhor concordou em receber-nos e isso já nos parece um bom indício.

NUMA 2: Não pense o general que é o mêdo ou a covardia que nos leva a fazer esta proposta. A nossa resistêcia já deu provas do valor e da fôrça do povo de Numância.

NUMA 1: As perdas e os prejuizos desta guerra já são insustentáveis. Não há mais condições de entender o conflito por mais tempo. Os gastos são excessivos e os exércitos estão cansados. Nossa proposta é simples: um acôrdo de amizade e a paz honrosa para Roma e Numância.

CIPIÃO: (Durante uma longa pausa êle examina os numantinos). É tarde de mais para arrependimentos. A amizade de Numância pouco me interessa. Podem preparar de nôvo o seu exército, logo recomeçaremos a luta. Eu quero a glória da vitória, não acôrdos. Êsse pedido de paz é uma recompensa muito pequena para tantos anos de afronta.

NUMA 1: Pense bem, general. Essa arrogância romana só vai servir para reanimar as nossas fôrças. Se o senhor recusa a paz que oferecemos, nossa luta se torna ainda mais justa e forte.

CIPIÃO: É só isso ?

NUMA 2: É. Só uma advertência mais: antes mesmo de pisar a terra de Numância, vocês, romanos vão provar a nossa fôrça. Vocês recusaram a amizade que trouxemos e vão ver agora do que nós somos capazes.

Os numantinos partem.

MARIO: O desleixo do nosso exército foi que deu fôrças para êles falarem assim. Mas logo vamos ver a nossa glória e a morte dêles.

CIPIÃO: Não se vanglorie antes do tempo, Mário, guarda a sua energia para a luta. Não vou perder mais tempo com os numantinos. Faça rei com que êsse orgulho se volte contra êles mesmos. Não quero que a terra de Espanha beba mais sangue de romanos. Basta os que já foram mortos em combate. Soldados! Prepararem os braços e as mãos. Vamos cavar a terra em volta da muralha. Todos, todos, dêse o decurião até o soldado mais baixo vão trabalhar agora. Eu também vou pegar uma pá e trabalhar para vocês. Vamos cercar essa cidade com um fôssco largo e fundo de maneira que os numantinos não possam sair. Vamos isola-los com a pior das inimigas: A FOME.

2- As luzes se apagam repentinamente. No escuro ouvem-se ruidos do trabalho dos soldados, gritos, correrias. No alto, encoberta por uma luz muito fraca e figura alegórica de Espanha canta:

1- Sereno e espaçoso céu
que enriqueces o meu solo,
tende piedade de mim,
tua Espanha desgraçada.
Já basta de ser escrava,
das riquezas despojadas
por potências estrangeiras.
Há muito tempo não vejo
tremularem as bandeiras
ao sôpro da liberdade.

2- É justo meu sofrimento
pois meus filhos há algum
tempo
Em brigas se dividiam
É Assim convidando os bárbaros
a tomar minhas riquezas.
Numância é o que é agora:
A luta de uma cidade
que defende a liberdade.

3- Vis e perfidos romanos
por que negam enfrentar
meus filhos em campo aberto ?
por que tentam a vitória
não com armas descobertas
mas covardes, astuciosos,
com o cêrcô de seus muros ?

3- A música lamentosa do canto de Espanha transforma-se em sons desarticulados, terríveis, do além. A luz de Espanha se apaga. Ficam as luzes negras e uma tenue claridade sai do caldeirão esfumaçado em torno do qual dois feiticeiros iniciam seu rito.

Um dêles tem um carneiro nos braços, êles trazem garrafas penduradas da cintura cheias de águas coloridas, de incenso.

SACER. 1: Sinais certos de desventuras certas.

SACER. 2: Ah, infeliz povo de Numância.

SACER. 1: Oh, fraca chama escura. Fumo que enrola para o lado do poente. Língua de fogo, oscilas para oriente? Maus sinais, mau agouro.

SACER. 2: Mesmo que os romanos vençam nossa força, em fumo e chamas vivas não de se transformar nossa morte e nossa glória.

SACER. 1: Vinho sagrado que êste fogo asperges, oloroso incenso que queimas, clama a Júpiter por nós. Oh, grande senhor dos céus, coloca a tua força propícia em favor do triste povo de Numância. Assim como o ardente fogo transforma em fumaça os elementos sagrados, transforma também em negro fumo a força e a glória dos romanos. Céus poderosos, assim como imolamos esta vítima, elimina também nosso inimigo.

Gestos, gritos, sons estranhos, um rito primitivo, expectativa.

SACER. 2: Nenhum sinal. Nenhum sinal nos dão, divindades, de coisas boas para o nosso povo?

Um ruído estranho. Um clarão vermelho.

SACER. 1: Shhh... Ouve! Ouve o ruído! Não viste um raio cruzar o céu? É o presságio.

SACER. 2: Oh, sinais! Tristes sinais! Que amargo fim estão prognosticando. Vês o esquadrão solitário e feio? Vês? Feias águias lutando contra outras, num rodeio marcial.

SACER. 1: Sim, sim. E todo seu esforço empregam em cercá-las, em emboscá-las com astúcia e empenho.

SACER. 1: Maldigo êsse sinal. Águias imperiais vencedoras? Numância, Numância, breve verás o teu fim!

SACER. 1: Águias cruéis, anunciadoras de grandes males. Já entendo a vossa mensagem. As horas estão contadas.

SACER. 2: Deuses do altíssimo, aceita o sangue desta vítima inocente. Aplaca com êle o vosso horrendo gesto.

SACER. 1: Grande Plutão, que por morada tem o reino da escuridão.

Esteja em paz. Venha em auxílio do pobre povo que te invoca. Tapa essa escura e funda boca de onde saem as três feras irmãs que nos atacam e faz com que as nossas desgraças sejam tão leves quanto êstes pêlos que o vento toca.

O carneiro foi colocado sôbre a caldeira fumacenta. O sacerdote 1 corta alguns pêlos do carneiro e solta-os ao vento.

SACER.2: E assim como penetro êste punhal no sangue puro, com a alma limpa e alto o pensamento, assim se banhe a terra de Numância no sangue dos romanos.

Grandes ruídos, clarões súbitos, uma música estranha. Surge o demônio numa dança macabra. Os sacerdotes aos gritos protegem os rostos, lamentam-se, gemem. O demônio arrebata o carneiro e sai levando-o sôbre os ombros.

SACER. 1: Altos deuses, sacras divindades! Que estranho sinal é êste? O pranto dêste povo aflito, os nossos cantos sacros ~~XXX~~ de nada adiantam? Ainda mais vos endureceis, ainda mais? Nossos remédios vivos são mortais. Tôda preguiça é disciplina e os bens alheios todos nossos males.

SACER. 2: Os céus já deram a sentença final de nosso amargo e miserável fim. Meu pranto verte sôbre o fim lamentável que nos destinam os inclementes deuses. E que aquêles que virão depois de nós saibam sempre a lamentável sorte de Numância.

4. As luzes somem. No escuro total pessoas correm e se ouve os passos numa grande agitação, a música surge aos poucos, junto com a luz, estranha, desarticulada de ruídos estranhos, terminando num guincho agudo que permanece no ar enquanto as luzes se acendem lentamente e se vê as mulheres de Numância, sentadas com seus filhos na praça da cidade. Chega um homem puxando um carro. Elas o cercam desordenadamente, desesperadamente, estendendo as mãos para receber o pão. O homem parte um grande pão em pedaços e vai distribuindo às mulheres que se afastam. Há uma luta pelo alimento, gritos lancinantes, é uma luta pela vida em que as roupas são rasgadas, a carne dilacerada pelo fantasma da fome. As luzes se apagam.

5. Teógenes, governador de Numância, discute com três numantinos.

TEÓGENES: Parece que está tudo contra nós. Nosso povo está enfraquecido. Não há maneira de escapar. É praticamente impossível atravessar o fôssco e não nos resta outra alternativa : temos de esperar a morte aqui, presos como feras.

NUMA 1: Se pudéssemos atravessar a vala, os romanos iam conhecer a nossa fôrça. Mas já que estamos prêsos temos de achar uma solução honrosa. (pausa)

Podemos propor um combate individual.

NUMA 2: Isso. E se a proposta não fôr aceita, vamos ter de nos arriscar: atravessamos o fôssco durante a noite e mandamos mensageiros aos nossos amigos de outras vilas.

NUMA 3: De alguma forma temos de achar uma saída para a sobrevivência. Seja através das linhas romanas, seja pela morte.

NUMA 2: Essa fome macilenta que nos persegue me força a concordar com qualquer proposta, mesmo que seja a de saltar para a morte para evitar a derrota. Quem não quiser morrer de fome que me acompanhe ao fôssco e abra caminho com a espada.

NUMA 1: Não nos precipitemos. Essa solução é terrível, mas será a única saída que nos resta se eles não aceitarem nossa proposta. Vamos propor o combate individual: um dos nossos homens contra um romano. A morte de um deles será a sentença final desta guerra.

Os romanos são orgulhosos e tenho certeza que aceitarão.

E se eles aceitarem já podemos contar com a nossa vitória: um numantino vale por três romanos juntos.

NUMA 3: Podemos também pedir ao feiticeiro Marquino que procure descobrir quais são as esperanças que nos restam. Talvez ele encontre uma saída.

TEOGENES: Eu, desde já, me ofereço para duelar com o romano.

NUMA 1: Confiamos no seu valor.

NUMA 2: Vamos. Temos de agir depressa antes que a fome derrube a todos.

6. Eles saem. Marandro e Leonício, que estavam de sentinela na muralha, cruzam-se. Marandro não o vê.

LEONÍCIO: Marandro, eh, Marandro. O que aconteceu?

Marandro: Nem eu mesmo sei.

LEONÍCIO: O que é? O amor continua a te perturbar?

MARANDRO: É.

LEONÍCIO: Ora, você não tem o direito de ficar pensando no amor na situação atual. Nossa pátria está cercada, dominada pelo inimigo e você se esquece dela para pensar em romance?

MARANDRO: Não seja injusto. Desde quando alguém é covarde só porque está apaixonado? Eu, alguma vez, abandonei o meu posto para ir ver a minha amada? Alguma vez fiquei dormindo enquanto os outros trabalhavam?

Você sabe há quanto tempo eu gosto de Lira. E agora tudo ia dar certo. O pai dela já tinha concordado com o nosso casamento. Mas agora... com o reinício da guerra vamos ter de adiar pra depois da vitória.

É por isso que eu estou chateado: tem o fôssco, a muralha e gente não tem nem comida mais....

LEONICIO: Calma, Marandro. Todos nós estamos sofrendo. Pode ser que surja alguma solução. Vamos esperar mais um pouco e ver o que acontece. E então quando vier a paz você e Lira vão poder casar e viver felizes.

(Uma longa pausa em que ouve ao longe uma trompa.)

MARANDRO: Leonício, você acha que temos salvação? Parece que está tudo perdido.

LEONICIO: Marandro, calma. Espere as coisas acontecerem. Olhe ali, é Marquino, o feiticeiro. Vamos ver o que ele vai fazer.

7. Marquino e Milbio procuram um local. Milbio indica o posto, Marquino descarrega no chão um amarrado de garrafas com poções mágicas.

MARQUINO: Onde está o jovem?

MILBIO: Nesta sepultura.

MARQUINO: Tem certeza que é esta?

MILBIO: Absoluta.

MARQUINO: Do que é que ele morreu?

MILBIO: De fome.

MARQUINO: Não tinha feridas, nem tumores, nem chagas? O corpo precisa estar inteiro, intacto.

MILBIO: Não. Não tinha nada. Morreu de fome e deve fazer umas três horas que foi enterrado.

MARQUINO: Está bem. É a situação perfeita para invocar das trevas os ferozes espíritos malignos.

Feroz Plutão, que reinas na região escura, entre ministros perversos, eu te invoco. Eu te invoco, mesmo contra a sua vontade. Não demore em atender o meu chamado.

Que volte ao corpo aqui enterrado a alma que lhe dava vida, para me contar qual será o destino desta cidade.

Manda-a de volta à luz do nosso mundo pois logo voltará ao reino das trevas.

Não escondas nada, não tente me confundir.

Vamos. Que está esperando? Quero sinais de que cumprem as minhas ordens. Vamos, vil canalha. Ou quereis que ponha em ação meus poderosos conjuros?

Entorna sobre a sepultura o líquido de uma garrafa.

Ergue esse corpo e faz com que responda o que eu pergunto. Sons longínquos, graves e estridentes. Marquino pega uma adegã comprida.

Este ferro banhado em água clara que não tocou o chão no mês de maio fere esta pedra e torna claro e patente o meu poder.

Luzes piscam do fundo da sepultura.

Vem, feliz jovem. Sai. Volta ao dia. Deixa essa região escura e responde meu chamado.

Novos ruídos distantes, oscilação de luzes. Com um novo frasco Marquino asperge a sepultura.

Água de fatal, negra lagoa, recolhida em triste noite, escura e negra, por teu poder mais alto que todos conjuro, peço, mando e ordene, vem.

Alma rebelde, torna ao corpo que há poucas horas ocupavas. Já chegas, já te sinto, vieste afihal!

Do fundo da sepultura é içado o corpo de um rapaz, inerte. Ouve-se sua voz sem localização, difusa no ar, sem ponto de partida.

MORTO: Basta Marquino. Não aumente ainda mais o que já sofro na região escura; Engano teu pensar que estou feliz de voltar a esta penosa e mísera vida, pois já sinto de novo a morte vencer minha alma. O odioso e soturno bando que habita a escuridão te informa do lamentável fim, do infame sofrimento de Numância. Ela será exterminada pelas mãos que estão agora mais próximas dela. Os romanos não levarão a vitória e nem Numância tampouco terá qualquer triunfo ou glória sobre o inimigo. Não pense que haverá paz. A lâmina amiga será a vida na morte de Numância com fogo e sangue...

Lentamente desce o corpo de novo à sua tumba, Marquino tira da cinta o punhal e crava-o no próprio peito, tomba dentro da cova.

Do alto da muralha Marandro e Leonício assistiram tudo.

MARANDRO: Leonício, não resta mais esperança.

LEONÍCIO: Bobagem. Isso tudo é fantasia, invenção. O que é que os mortos podem saber dos vivos.

MARANDRO: Não, Marquino não teria se matado se não fôsse verdade o que ele ouviu. Temos de avisar os outros. Você tem coragem de ir?

8. Cipião e seus imediatos conversam no campo romano.

CIPIÃO: Estou contente de ver que a sorte está nos ajudando. Conseguimos dominar essa nação livre e orgulhosa sem usar a força, somente pela astúcia. Quando chegar a ocasião nós tomaremos a cidade. Muitos acharam que era covardia encerrar o inimigo em suas próprias muralhas. Mas os verdadeiros soldados sabem que quanto menos sangrenta, maior é a vitória. Pode haver glória maior que vencer e subjugar o inimigo sem nem mesmo tocar na espada?

Numantino II sobe na muralha e acena uma bandeira.

MÁRIO: Olha, general, alguém de Numancia vai falar.

CIPIÃO: Será que vão se render tão depressa?

NUMA. 1: Romanos, eh, romanos, estão ouvindo?

MÁRIO: Estamos sim, fale devagar.

NUMA. 1: General Cipião, Numância faz mais uma proposta. Pense bem nos prejuízos de todos êstes anos de guerra e depois responda. Propomos um combate individual.

CIPIÃO: Não!

NUMA. 1: Um dos nossos soldados se oferece para lutar com um dos seus homens. Se morrer o nosso, a terra será sua. Se morrer o romano vocês se retiram. Podemos dar reféns como garantia.

CIPIÃO: Vocês são ingênuos demais. E loucos. Se querem salvar o pescoço do ferro afiado dos romanos terão de suplicar humildemente. As feras, a gente prende em jaulas. É por isso que vocês estão prêsos: para serem domados. Numância será minha sem que eu perca um só dos meus homens. E se me acham covarde por não aceitar essa proposta arrogante, esperem só até a minha vitória.

Cipião se retira, seguido de seus imediatos.

NUMA. 1: Não escuta mais, covarde? Fugiu? Tem medo de uma batalha justa e igual? Respondeu mal, general, respondeu como covarde. Romanos covardes, canalha que só confia em suas multidões e não na força dos braços. Pérfidos, desleais, traiçoeiros, cruéis, tiranos, covardes, ambiciosos, ferozes, vís, infâmes, filhos da puta.

Que glória é essa (vocês) que vocês perseguem nos aniquilando aqui, prêsos? Em campo aberto, sem nenhum fôssco e nenhuma muralha pra nos prender, nós nunca nos retiramos, nunca baixamos a espada. Mas êsse teu forte exército não pode enfrentar o nosso fraco porque vocês estão acostumados a vencer com truques e com manhas. O combate leal, frente a frente não é do estilo romano. Vocês são lebres disfarçadas de feras e Numância ainda há de vencê-los.

9. Teógenes, Marandro e os numantinos esperam Numa. 1 descer.

TEOGENES: Amigos, agora, finalmente está traçado o nosso destino. Temos de aceitar a nossa sorte. O valor e a força dos numantinos terão de ser demonstradas esta noite. Vamos destruir a barreira inimiga. Temos de sair para morrer na batalha e não como covardes encurralados. Claro que isso só vai mudar o modo da nossa morte, mas é mais digno que morrer de fome.

NUMA, 1: É a única solução. Mas se as mulheres da cidade souberem, vão tentar impedir a nossa saída.

MARANDRO: Elas já sabem. Souberam das resoluções do Senado. Olhe. As mulheres de Numância entram. Lira está entre elas.

MULHER 1: Em nossos maus momentos e em nossas horas felizes sempre fomos companheiras e espôsas fiéis. Porque é que agora, vocês nos dão tão poucas provas de amor? Sabemos que vocês querem se atirar contra as armas dos romanos e morrer lutando pela honra. E nós? Vamos ficar expostas à desonra? Não. Matem vocês mesmos as suas mulheres. Ou nos deixem ir lutar ao lado dos nossos homens.

MULHER 2: Então guerreiros, vocês pretendem nos abandonar e deixar as virgens como prêmio para os romanos? E deixar os nossos filhos livres para escravos? Não seria melhor matá-los com nossas próprias mãos? Vocês não podem saciar a cobiça romana e deixar nossas casas serem destruídas por mãos estranhas. A saída de vocês é um erro que trará mais cem mil êrros. Se vocês querem sair para o fôssos nós iremos com vocês. E teremos a mesma morte, assim como tivemos a mesma vida.

MULHER 3: Filhos de Numancia, chorem, supliquem conosco para não serem abandonados por seus pais. Já chega essa fome horrível que nos mata lentamente. Não precisamos esperar pelo furor romano. Filhos de Numância, vocês foram gerados e criados em liberdade, peçam a essas mesmas mãos que lhes deram a vida que lhes dêem agora a morte, mas nunca a escravidão. Muros desta cidade, se vocês também puderem falar, gritem mil vêzes, bem alto: Liberdade, numantinos, liberdade!

Um silêncio sólido pesa numa pausa. Lira avança lentamente até Teógenes, ajoelha-se diante dele.

LIRA: As donzelas suplicam que não sejam abandonadas aos ferozes lobos romanos. Que desespero é êsse que faz vocês procurarem morte tão rápida só em troca da glória? Meu coração me diz que essa saída dará vida aos romanos e morte para toda Numância. O que é que três mil dos nossos podem fazer contra oitenta mil romanos? Vamos ficar juntos até o fim, todos juntos na vida ou na morte. Nosso destino é um só: a glória ou a morte de Numância!

TEOGENES: Enxuguem os olhos, mulheres. Em nome de todos os guerreiros posso dizer que nós todos também sentimos a mesma coisa. Vivemos sempre juntos nossas vidas e morreremos também todos juntos.

Nossa idéia não era escapar pelo fôssco, mas sim buscar a morte, defendendo a vida. Morrendo, e matando por vingança. Seria loucura sair e abandoná-las aqui.

Mas, nós não podemos deixar que o inimigo nos vença. Temos de conseguir a vitória, mesmo que isso nos custe a vida.

Vamos fazer uma grande fogueira e queimar tudo que tenha valor. Desde o utensílio mais simples até a mais rica jóia. Não podemos deixar nada para os romanos, vamos queimar tudo, tudo.

E para enganar por mais algum tempo a fome que está nos matando, vamos esquartejar êsses pobres romanos que estão prêsos. Sua carne será distribuída a todos e servirá de alimento à nossa Espanha cruel e necessitada.

10. A luz vermelha da fogueira começa aos poucos a tingir tudo. Todos se afastam devagar, Marandro detém Lira pela mão. Enquanto os dois conversam os prisioneiros romanos são trazidos à cena e cercados pela multidão.

MARANDRO: Espere um pouco Lira. Deixe eu te olhar um pouco. Você é a única coisa que me resta.

LIRA: Pena que seja por tão pouco tempo. Sinto que vou morrer antes da guerra acabar.

MARANDRO: Não diga isso.

LIRA: É a verdade. A fome está levando aos poucos todo mundo. Como é que eu posso esperar o nosso casamento se às vezes tenho até medo de cair morta na tua frente? Meu irmão morreu ontem. E minha mãe também. Não sei até quando vou aguentar.

MARANDRO: Não chore, Lira, não chore. Eu te prometo que enquanto eu tiver vida você não vai morrer. Hoje à noite vou saltar a muralha, atravessar o fôssco e trazer todo o pão dos romanos pra você.

LIRA: Não, Marandro, não faça isso. Não é justo. Não vai adiantar muito o pão que você conseguir. E além disso, a tua vida é mais importante para a cidade do que a minha. Não pense mais nisso, meu bem, esqueça.

MARANDRO: Eu já resolvi, Lira. Hoje à noite vou sair. Reze para eu conseguir voltar e trazer comida pra você.

LIRA: Não, não quero que você morra por mim. Parece que já estou vendo o seu sangue na espada inimiga. Não, Marandro...
(pausa) Se você sair, leve êste beijo com você.

Ela o beija rapidamente e sai depressa.

LEONICIO: Marandro, você estava certo. Ouvi essa terrível promessa que você fez para Lira, e agora sei que o amor não te transformou num covarde.

Eu vou com você-

Os dois se olham, contentes e comovidos, apertam-se as mãos e partem.

11. Os numantinos já começam a caminhar num triste cortejo, levando suas coisas para queimar na fogueira grande.

NUMA. 1: Agora tudo já está acabando mesmo. A morte já vem chegando. É triste assistir assim ao fim de nossa terra.

NUMA. 2: Que povo valente o nosso! Todo mundo trouxe até as coisas de maior estimação para queimar. Logo vamos ter de executar a nossa sentença.

NUMA. 1: Para escapar desses romanos é preferível morrer. Vamos deixar para eles só a cinza e o sangue de Numância.

NUMA. 2: Vai ser muito triste ver a sentença ser executada. As mulheres, os velhos e as crianças vão ser mortos primeiro. E depois será a nossa vez.

FILHO: Mãe? Em vez de queimar tudo isso, a gente não podia trocar por comida?

MÃE. 1: Não, meu filho, não tem mais comida em lugar nenhum.

FILHO: Mas eu estou com fome, mãe. Dá só um pedacinho de pão que eu não peço mais.

A mãe abaixa o rosto e aperta a cara do menino junto ao corpo e continuam a caminhar para a fogueira.

MÃE. 2: Meu filhinho, coitado. Você ainda não percebeu que não é mais leite que sai do meu peito? Chupa o meu sangue todo, come a minha carne aos pedaços para ficar bem forte. Eu não aguento mais te carregar.

12. O cortejo continua sombrio, sumindo aos poucos na luz. Marandro e Leonício saltam para o lado romano e somem para onde está o exército. Ouvem-se ruídos de luta. Cipião e seus três imediatos aparecem correndo.

CIPIÃO: O que é isso? Parece que estão lutando. Será que os numantinos atacaram?

Um soldado entra de espada em punho, ferido e cansado.

SOLDADO: General, dois numantinos saltaram o fôssco e atacaram os nossos homens.

CIPI-ÃO: Dois? Só dois?

SOLDADO: ~~Eles foram rápidos. Atacaram de repente e foram de tenda em tenda matando e roubando todo o pão que encontravam.~~

SOLDADO: Mas valiam por cem, general. Lutavam como demônios. Mataram Fabrício e Erácio. Deceparam o braço direito de Olmida e feriram mais seis. Estácio morreu também.

CIPIÃO: Mas como? Não é possível?

SOLDADO: Eles foram rápidos. Atacaram de repente e foram de tenda em tenda matando e roubando todo pão que encontravam.

CIPIÃO: Mas já foram mortos?...

SOLDADO: Um foi.

CIPIÃO: E o outro? Foi prêsos?

SOLDADO: Não. O outro escapou.

CIPIÃO: Fugiu. Se morrendo de fome e prêsos na cidade eles são tão fortes e corajosos, eu imagino do que eles seriam capazes se estivessem livres.

Ah, mas mesmo assim eu vou vencer. Haveremos de vencer êsses arrogantes numantinos.

12. Marandro escondido no alto da muralha, espera os romanos se afastarem.

MARANDRO: Leonicio? Leonicio, meu amigo... Não demore... Venha ...

Lira carregando alguns objetos para o fogo aparece e vê:

LIRA: Marandro.

MARANDRO: Lira, Lira querida. Cumpri a minha palavra: enquanto eu vivi você viveu. Aqui está o pão dos romanos. Alimente tua vida. Eu não preciso mais disso.

LIRA: Marandro, Marandro querido.

MARANDRO: Leonicio morreu. Pegue êste pão, meu amor, misturado com o meu sangue. Recebe o meu corpo agora, minha amada.

LIRA: Marandro querido, não morra por mim. Êsse pão que você me trouxe não é alimento, não. Êsse pão encharcado com o teu sangue é veneno pra mim.

Me espere, Marandro, espere. Êsse mesmo ferro frio que acabou com a sua vida vai me levar com você.

Ela tira a adaga do cinto dêle e crava-a no peito e cai sem gemidos.

13. Guinchos da música terrível, passa a morte voando.

MORTE: Venham comigo. Venham ver os homens de Numância matando os próprios filhos e mulheres e depois se atirando na fogueira no meio de gritos de dor e desespero.

14. Teógenes com sua mulher e filhos.

TEÓGENES: Adeus, filho. Adeus. Vocês são livres e nunca vão ser escravos. Nunca ninguém vai vencer vocês. Mulher, o seu cor-

po, que eu amei, não vai nunca servir para as mãos sujas dos romanos. A minha espada, as minhas próprias mãos vão salvar vocês da desonra dos romanos.

Eu tenho de cumprir a sentença, todos têm de cumprir a sentença.

MULHER: Não temos mesmo outro jeito de escapar?
Então apresse essa sentença. Prefiro morrer por essas mãos que eu amei do que esperar os romanos.

15. Dois rapazes passam correndo e param um pouco para descansar. Semi encobertos pela luz, Teógenes mata a mulher e o filho. Os rapazes são Servio e Viriato.

VIRIATO: Pra onde nós vamos?

SERVIO: Não sei.

VIRIATO: Vamos. Corra. Nós temos de escapar. Está todo mundo de espada em punho.

SERVIO: Mas escapar como? Pra onde é que nós vamos?

VIRIATO: Vamos para a torre do meu pai. Vamos.

SERVIO: Eu não aguento mais, Viriato. Vai você. Não consigo mais andar.

VIRIATO: Vamos, Servio, corra.

SERVIO: Não, eu não vou. Não aguento mais.

VIRIATO: Você prefere ficar aqui? Ficar aqui com a fome, com a espada, com medo? Eu vou, eu vou embora.

Sai correndo. Teógenes, perturbado por ter matado a mulher e o filho avança com duas espadas e fala a Servio:

TEOGENES: Vamos, numantino valente, pegue esta espada e lute comigo como se eu fôsse um romano. A morte na luta é mais doce e quem vencer que se jogue na fogueira depois para morrer também.

Os dois lutam ferozmente. Teógenes derruba Servio.

15. Cipião, acompanhado de seus imediatos, ronda a muralha.

CIPIÃO: Não é estranho êsse silêncio em Numância? Aquela fumaça que nós vimos e essa tranquilidade parecem maus sinais. Ninguém sobe mais nas muralhas. Parece que êles estão vivendo em completa paz.

MARIO: Se quiser, general, eu posso subir para ver o que está acontecendo.

CIPIÃO: Suba, mas leve o escudo e a lança. Pode ser que êles ataquem.

Mário sobe e observa a cidade, perturba-se e grita.

CIPIÃO: O que foi, Mário? O que foi?

MÁRIO: General, a cidade inteira está coberta de sangue. Parece que estão todos mortos pelas ruas.

CIPIÃO: Olhe bem, Mário. Não tem nenhum vivo?

MÁRIO: Não, nenhum, nenhum.

CIPIÃO: Mário, desça, entre na cidade e observe tudo.

Mário desce, os outros dois imediatos saltam também a muralha. Cipião fica sozinho.

CIPIÃO: Tem de haver pelo menos um vivo. Pelo menos um! Para me dar a vitória. Era impossível vencer pela força esse povo de Numância. Eu tive de encurralar a cidade. Era o único jeito de vencer. Mas se não sobrar nenhum vivo, não existe vitória.

Mário volta correndo.

MÁRIO: General, todos os nossos esforços foram perdidos. Todos eles se mataram e todas as riquezas foram queimadas.

CIPIÃO: Ah! Não! Não era isso que eu queria. Eu não queria milhares de mortos. A piedade e justiça com os inimigos sempre foram virtudes que eu respeitei.

Voltam os outros dois imediatos.

JUGURTA: Está tudo acabado general. Numância está destruída. Pode ser que haja apenas um ainda vivo.

CIPIÃO: Você viu alguém?

JUGURTA: Não sei. Parece que vi alguém se mover rapidamente no alto de uma torre, mas não encontrei nenhuma entrada.

CIPIÃO: Vamos lá. Precisamos achar esse numantino para vencer. Se eu conseguir pegá-lo, ele vai ser a prova da nossa vitória. É nossa última chance. Vamos.

Escalam a muralha. Viriato surge no alto.

VIRIATO: O que é que vocês querem, romanos? As chaves da cidade? Elas estão comigo agora. Entrem logo, porque esta cidade foi vencida pela morte e não por vocês.

CIPIÃO: Jovem, numantino. Desça daí e me entregue o prêmio justo da minha vitória. Quero provar que o vencedor sabe ser piedoso com os vencidos.

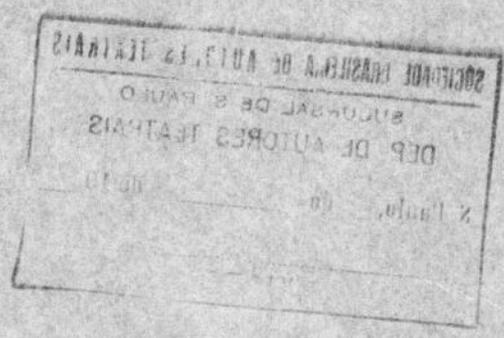
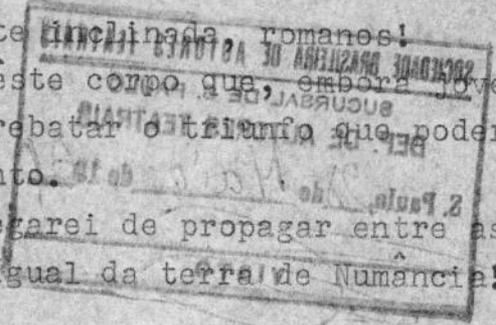
VIRIATO: Tarde demais para oferecer sua clemência, general. Já não tem ninguém para recebê-la. Eu prefiro sofrer a sentença de morte que eliminou com fogo e sangue a minha terra de Numância.

CIPPIÃO: Pense um pouco, menino. Entregue o seu pequeno valor ao poder maior do meu exército. Eu juro que você será livre e receberá tôdas as recompensas que eu puder te dar.

VIRIATO: Todo o furor do meu povo morto, tôda honra e glória do meu povo, seus ódios e seus rancores, estão dentro do meu peito agora. Eu sou o último herdeiro de Numância e saberei honrar a minha terra. O medo da morte fêz com que eu me escondesse nesta torre, mas agora estou decidido a seguir o destino de meu povo. Não vou entregar minha terra aos romanos. A vitória de vocês será sôbre o cadáver de Numância.

Música. Viriato chega à beirada da torre e se atira. Cipião aranca o manto com fúria, ajoelha-se e curva a cabeça ao corpo do rapaz que é levado num cortejo pelos romanos. A música é mais forte e junto com ela ouve-se a voz da Fama que aparece no alto, ao fundo.

FAMA: Alçai a fronte inclinada, romanos!
 Levai daqui este corpo que, embora jovem,
 Conseguiu arrebatard o triunfo que poderia
 honrá-los tanto.
 Eu me encarregarei de propagar entre as gentes,
 o valor sem igual da terra de Numância!



São Paulo, abril-maio de 1969



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º

Data 13.06.69.

Do: TÊC.CENS.CRED. IZABEL MARIA PADILHA MARTINS

Para: CHEFE DA TURMA DE CENSURA DE TEATRO E CONGÊNERES,

Assunto:

SENHOR CHEFE:

"A DESTRUÇÃO DE NUMÂNCIA" E "NUMÂNCIA" DO, RESPECTIVAMENTE, UMA VERSÃO MODERNIZADA E UMA ADAPTAÇÃO DE "NUMANCIA", OBRA DE MIGUEL DE CERVANTES. A PRIMEIRA FOI LIBERDA SEM RESTRIÇÃO DE IDADE. NA SEGUNDA, HÁ APENAS UMA EXPRESSÃO VULGAR (PÁG.9) QUE, SUPRIMIDA, PERMITIRIA SUA LIBERAÇÃO, TAMBÉM SEM RESTRIÇÕES.

ASSIM SENDO, SUBMETO O ASSUNTO À DECISÃO DO SR. CHEFE DO S.C.D.P.

ATENCIOSAMENTE,

Ízabel Maria Padilha Martins
 IZABEL MARIA PADILHA MARTINS

CART. 070.



Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0285,p.74

Sr. Chefe da Seção de Censura,

João Marcio Cilas de Haro, enviou para exame e classificação deste SCDP, a peça teatral " A DESTRUÇÃO DE NUMÂNCIA "; autoria de Miguel de Cervantes.

A referida obra já foi liberada por este órgão, conforme consta do processo nº 539, parecer dos / Técnicos de Censura C. Montebelo e Wilson Queiroz, que sugeriram respectivamente, INTERDIÇÃO e LIVRE, tendo sido expedido certificado nº 448/68 LIVRE.

Anexo, memorando do Técnico de Censura Credenciado Izabel Maria Padilha Martins que fez a comparação de scripts, sugerindo que, dada a identidade de scripts seja expedido certificado liberatório para esse pedido, com a mesma classificação anterior. LIVRE, c/o corte assinalado em fls. 09. À consideração superior.

Em 17 de junho de 1969.

Manoel
MANOEL MIRANDA FERREIRA

TCTC-SC-SCDP.

Manoel F. de Souza Leão Neto
MANOEL F. DE SOUZA LEÃO NETO

Chefe da Sc. de Censura

Em 17 Jun 69.

Especulativo
do. *Especulativo*

Aloysio Muhlethaler de Souza
ALOYSIO MÜHLETHALER DE SOUZA

CHEFE DO SCDP.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0285, p. 75

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 1334/69

PEÇA -/!!! NUM ANCI A !!!/-

ORIGINAL DE MIGUEL DE CERVANTES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 18 de JUNHO de 19 74

Brasília, 18 de JUNHO de 19 69

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUEHSTHALER DE SOUZA

LIVRE

ap/

COM CORTES

M. J. - D. P. F.

CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 42, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada _____

-/::: NUMÂNCIA ::/-



Original de MIGUEL DE CERVANTES
Tradução de JOSÉ RUBENS SIQUEIRA
Adaptação de JOSÉ RUBENS SIQUEIRA
Produção de TEATRO SEDDS (Rua Marquês de Paranaguá, 111 - SP)

Tendo sido censurada em 13 de JUNHO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: **L I V R E ::: NENHUMA RESTRIÇÃO ETÁRIA::: COM COR-**

TE DA EXPRESSÃO ASSINALADA ÀS FLS. 09 ("FILHOS DA PUTA")::: CONDICIONADA A EXAME DO ENSAIO GERAL E À APLICAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 18 de JUNHO de 19 69

(Handwritten Signature)
MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

18-669

Chefe do SCDP
 Sr. Delegado Regional do DPF/SP
 Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pelo Chefe da TCDF dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. Assistir ensaios gerais das peças "NUMÂNCIA", "DANÇA LENTA NO LOCAL DO CRIME" e "A CONSPIRAÇÃO";
2. enviar a este SCDP, relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos e,
3. entregar a documentação anexa (scripts e certificados) aos interessados - constantes dos versos dos certificados - somente após autorização desta Chefia, via rádio.

Atenciosamente,

deputado

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
 Chefe do SCDP

Recebi
MTM
 18-6-69



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

São Paulo, 9 de outubro de 1969

Sra. Chere

Assisti ao ensaio geral da peça "NUMÂNCIA", de Miguel Cervantes, em tradução de José Rubens Siqueira, a ser apresentada pelo Teatro Gedes no Teatro Vereda.

Trata-se da peça clássica de Cervantes, onde é relatada a destruição pelos Romanos da cidade espanhola de Numância. O poderio dos exércitos romanos esbarra com o heroísmo dos primitivos espanhóis que depois de um sítio de 16 anos, resolvem queimar a cidade matarem as mulheres e as crianças e se suicidam, para não dar ao inimigo o prazer da vitória. São abordados especialmente os temas preferidos do teatro da infância espanhola: o amor e a honra.

A encenação é feita por um grupo universitário amador, mas possui nível de profissionalismo tal o grau de cultura e preparação teatrais que demonstram. O espetáculo é mais baseado em expressão corporal, com excelentes bailarinos, e em efeitos cênicos bastante atuais e pro cedentes de acordo com a intenção do autor. Isto faz com que o clima de desespero e de decisão ao suicídio coletivo leve a cenas com um caráter de impacto emocional, que me leva a não considerar muito aconselhável a liberação etária conforme o certificado diz. Sou de parecer que a propriedade mais adequada seria a para menores de 14 anos. Isto não só pelo clima geral do tema, mas também por certas pantomimas que sim bolizam a morte e o suicídio de vários personagens.

Opino, pois, pela liberação do certificado, com o corte indicado no mesmo, porém com a imprópriedade para menores de 14 anos.

Ernesto Coelho Neto
Ernesto Coelho Neto
Censor, nº193

De 16 Out 69

Fulcrum - 2 e cupra
Fevereiro 7/ 84 anos
Meynes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPRTEA.PTE.0285.p.79

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 1.334/69 -

PEÇA ==/::: NUMÂNCIA :::/=



ORIGINAL DE MIGUEL DE CERVANTES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 18 de JUNHO de 19 74

Brasil, 20 de OUTUBRO de 19 69

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

P/
Chefe do S. C. D. P.

ALOYSIO MUELTNER DE SOUZA

ap/

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS. CPP. TEA. PTE. 0285, p. 80

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -42-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada NUMÂNCIA

Original de MIGUEL DE CERVANTES

Tradução de JOSÉ RUBENS SIQUEIRA

Adaptação de JOSÉ RUBENS SIQUEIRA

Produção de TEATRO SÉDES (Rua Marquês de Paranaguá, 111 - SP)

Tendo sido censurada em 09 de OUTUBRO de 19 69 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS

CONDICIONADA AO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO

ART. 1º DA LEI 5536/68.

O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S. C. D. P.

Brasília, 20 de OUTUBRO de 19 69



JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

244/169-TCTC
20-out.-1969

Chefe do SCDP
Sr. Delegado Regional do DPF/SP
Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que, através da TCDP dessa DR, sejam substituídos os certificados de censura da peça "NUMÂNCIA", em posse do Teatro Sédes, vez que este SCDP, atentando para parecer do Téc. Censura encarregado do ensaio geral, resolveu elevar a classificação de idade de LIVRE, para IMPRÓPRIA ATÉ 14 ANOS.

Outrossim, comunico que os certificados que deverão ser substituídos pelos anexos deverão ser enviados para esta séde, tão logo sejam recolhidos por essa TCDP.

Atenciosamente,

Recebi
MD

21-10-69/1

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
-Chefe do SCDP-

D.F.S.P.

012142

-6 ABR 71

Sec D.P.
06/07/71
[Handwritten signature]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DE SÃO PAULO
TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF. nº 187/71-TCDP/DR/SP

São Paulo, 1º de abril de 1971.

Do: Delegado Regional do D.P.F. em São Paulo

Ao: Exmo. Sr. Diretor Geral do D.P.F.

Assunto: Informação (Presta)



Senhor Diretor Geral:

Em atenção ao radiograma nº 098/SCDP, de 19-03-71, informo a V.Exª. que a letra musical intitulada "SUPERSTAR", foi censurada na Turma de Censura de Diversões Públicas desta Delegacia Regional, conforme requerimento protocolado no referido setor sob o nº 2271, em 20-02-70, cuja fotocópia segue anexada ao presente, bem como a letra original em inglês e a tradução em português.

Aproveito o ensejo para reiterar a V.Exª. os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

[Assinatura]
GEN. DENIZART SOARES DE OLIVEIRA
DELEGADO REGIONAL



Ao Exmo. Sr. Gen.

WALTER PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE

DD. Diretor Geral do Departamento de Polícia Federal

BRASÍLIA - D.F.

Exmo. Sr. Diretor do Departamento de Censura da Polícia Federal

CÁSSIO MUNIZ S.A. - Importação e Comércio, com sede nesta Capital à Praça da República, 309 - neste ato representada por seu procurador - sr. Biaggio Baccarin - vem, muito respeitosamente requerer a V. Excia que se digne mandar censurar, para efeito de gravações fonomecânicas, as letras da página musical intitulada "SUPERSTAR", de autoria de Andrew Lloyd Webber e Tim Rice, respectivamente em inglês e tradução literal feita em português.

DPF. - DR - S.P.
CENSURA FEDERAL

PROTOCOLO N.º 2241

Reg. Liv. n.º 6 Fls. 18

Entrada as 16.06.70 rs.

S. Paulo, 20.02.70

TCDP - DR - SP.

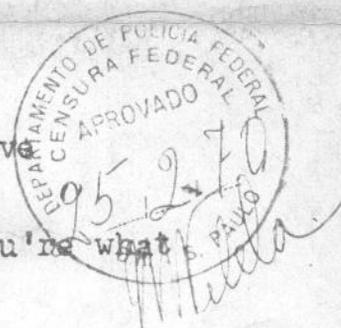
[Assinatura]
Encarregado

Nestes Termos,
P. Deferimento

São Paulo, 16 de Fevereiro de 1970

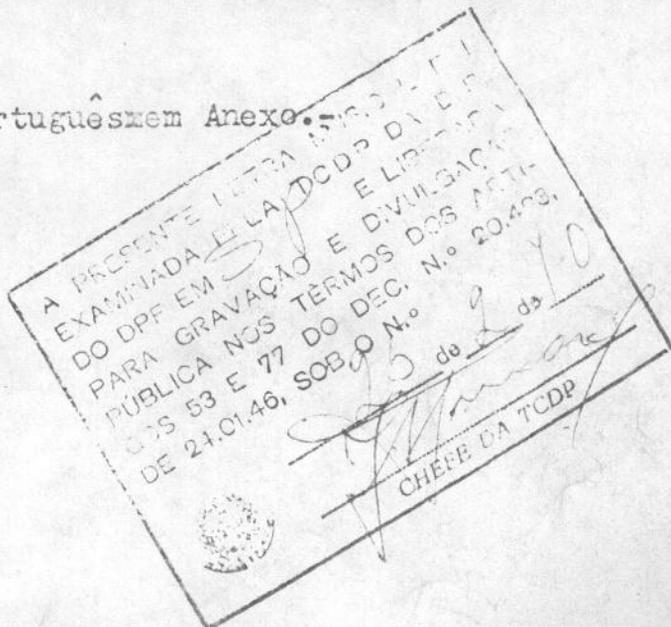
SUPERSTAR (Andrew Lloyd Webber-Tim Rice)

Every time I look at you I don't understand
 Why you let the things you did get so out of hand
 You'd have managed better if you'd had it planned
 Why'd you choose such a backward time and such
 a strange land?
 If you'd come today you would have reached a whole nation
 Israel ⁴ BC had no mass communication
 Don't you get me wrong
 I only want to know
 Jesus Christ Jesus Christ Who are you? What have
 you sacrificed?
 Jesus Christ Superstar Do you think you think you're what
 they say you are?



Tell me what you think about your friends at the top
 Who d'you think besides yourself's the pick of the crop?
 Euddah was he where it's at, was he where you are?
 Could Mahomet move a mountain or was that just PR?
 Did you mean to die like that? Was that a mistake or
 Did you know your messy death would be a record-breaker?
 Don't you get me wrong
 I only want to know
 Jesus Christ Jesus Christ Who are you? What have you sacrificed?
 Jesus Christ Superstar Do you think you're what they say you are?

NB - Tradução Literal em Português em Anexo.



SUPERSTAR "SUPER-ASTRO" (Andrew Lloyd Webber-Tim Rice)

Tradução Literal em Português

Tôda vez que vos fito não entendo
 Porque deixastes desvanecer as coisas que fizestes
 Não as teríeis feito melhor se as tivésseis planejado?
 Por que escolhestes uma época tão longínqua e uma terra tão estranha
 Se tivésseis vindo agora alcançaríeis todo o universo
 Israel em 4 séculos antes de Cristo não possuía comunicação em massa
 Não me interpreteis erroneamente!
 Apenas desejo saber
 Jesus Cristo! Jesus Cristo!
 Quem sois? Para que fostes sacrificado?
 Jesus Cristo, Super-Astro
 Acreditais naquilo que dizem que sois?

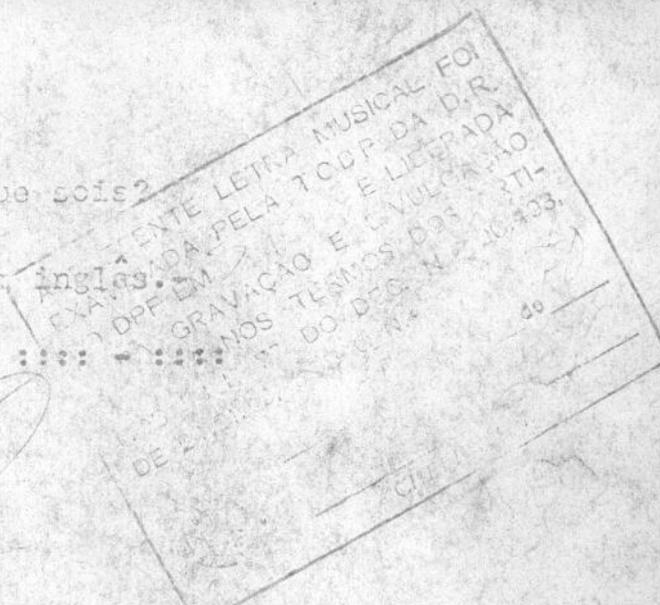


Contai-me o que pensais sobre vossos amigos celestiais
 Quem julgais além de vós estar no ápice do ápice?
 Foi Buda o que acreditam que ele é, ou foi o que sois?
 Era Mahomé capaz de mover u'a montanha ou foi apenas um
 relações públicas?
 Era vossa intenção ter u'a morte como tivestes?
 Isso foi um engano ou sabíeis que vossa morte misericordiosa
 Seria transformada em fone-sucesso?
 Não me interpreteis erroneamente!
 Apenas desejo saber

Jesus Cristo! Jesus Cristo!
 Quem sois?
 Para que fostes sacrificado?
 Jesus Cristo, Super-Astro
 Acreditais naquilo que dizem que sois?

NB - Em anexo letra original em inglês.

..... - -



1ª Via

H



SP

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PROC.-	539
LIV.-	02
PAG.-	37
REG.-	4343

Peca:

A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNCIA

DISTRIBUIÇÃO

~~o "a ESCURTIÃO DE~~
~~NUMÂNCIA~~

autor: MIGUEL DE CERVANTES

ENTRADA

6 / 10 / 71

DETE. 7 / 10 / 71

1.a CEN. - / /

2.a CFN. - / /

CERT. - / /

SAIDA / /

TEMPO TRAM.

DIAS.

DET. EM 13-6-72

Departamento de Polícia Federal



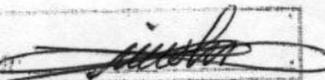
FEDERAÇÃO SANTISTA DE TEATRO AMADOR

« FESTA »

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0285, p. 87

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DA-SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

6 OUT 15 48 39487

RECEBIDO POR 

Santos, 28 de setembro de 1971

Ilmo. Sr.

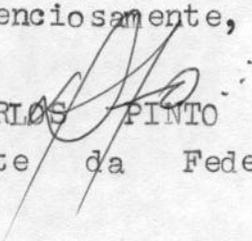
Diretor do Serviço de Censura e Diversões Públicas

BRASILIA

Carlos Pinto, brasileiro, casado, residente em Santos à Av. Siqueira Campos nº 278, apto. 4, Presidente da Federação Santista de Teatro Amador, vem pelo presente expediente solicitar a expedição do certificado de censura para o espetáculo "A Destruição de Numância", de Miguel de Cervantes, cuja responsabilidade de montagem é da Prefeitura Municipal de Santos, através da sua Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes.

Nesta oportunidade apresentamos os nossos melhores votos de estima e apreço.

Atenciosamente,


CARLOS PINTO

Presidente da Federação

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP Nº 18745

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: *A Destruição de*

Urmânia

Original de *Miguel de Cervantes*

Música de

Tradução de *Jose Carlos Lisboa*

No Teatro *Radio Clube Paulista* Cidade *Santos - São Paulo*

Empresa *" " "* Pela Cia. *Prefeitura Paulista*

nos dias *Para a Censura da Peça*

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de%

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$

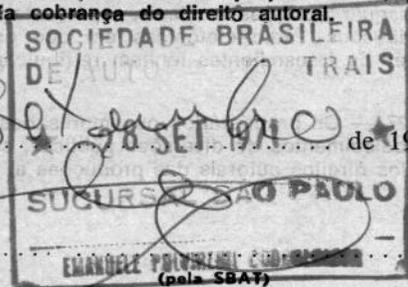
por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

S. Paulo 28 de *Setembro* de 19*70*

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.





MIGUEL DE CERVANTES

AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. N.º 18.745

=====

A D E S T R U I Ç Ã O D E N U M Â N C I A

=====

Do original espanhol
N U M A N C I A

Versão modernizada e em versos:

prólogo e dois atos de

J. CARLOS LISBOA

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS
SECRETARIA DE TURISMO, CULTURA E ESPORTES

1 9 7 1

P E R S O N A G E N S

CIPIÃO	MÃE NUMANTINA III
JUGURTA	LIRA
MÁRIO	MENINO
ARAUTO	MÔÇA
DECURIÃO	SOLDADO NUMANTINO
NUMANTINO I	A GUERRA
NUMANTINO II	A PESTE
ESPANHA	A FOME
O DOURO	A MORTE
TEÓGENES	VIRIATO
NUMANTINO III	SÉRVIO
LEONÍCIO	MERETRIZES
MORANDRO	EFEBOS
MARQUINO	SOLDADOS ROMANOS
MÍLBIO	OUTROS SOLDADOS
UM MORTO	NUMANTINOS
MÃE NUMANTINA I	MULHERES E CRIANÇAS
MÃE NUMANTINA II	NUMANTINAS

A FAMA

- ... 000 0 000 ... -

P R Ó L O G O

(Antes de abrir-se o pano, ouvem-se ruídos de marcha, vozes e armas que se aproximam. A proporção que corre o telão, avança o grupo de soldados romanos, com CIPIÃO, e JUGURTA, depois MÁRIO, à frente das tropas);

CIPIÃO

Esta carga difícil e pesada
que o Senado Romano me confiou
vai, pouco a pouco, me tirando o sono
e diminuindo as minhas esperanças.
É uma guerra de estranha duração:
muitas vidas a Roma tem custado
e, se me anima o anseio de vencê-la,
também me assusta o ter de renová-la.

JUGURTA

Por que, Cipião?... Quem conta, como tu,
ao lado do valor, com a boa sorte,
sabe que tem nas mãos sempre seguras
a vitória final em qualquer luta.

CIPIÃO

O esforço conduzido com brandura
nivela ao chão as serras mais erguidas;
mas o braço insensato, embora forte,
transforma em asperezas as planuras.

(Ao caminhar, toca com os pés nu
ma taça)

Creio, porém, que aqui não é preciso
moderar a bravura de um exército
que, esquecido de glórias e troféus,
se desfaz na lascívia e na preguiça.
Não pretendo, não quero senão isto:
trazer a nossa gente à disciplina;
pois corrigindo no princípio os nossos
vencerei facilmente os inimigos.

(Gritando)

Mário!

MÁRIO

Senhor!

CIPIÃO

Convoca tôda a tropa!

MÁRIO

MÁRIO

Pois não!

CIPIÃO

Quero falar-lhe duramente!

MÁRIO

Vou convocá-la.

(Vai sair rápido)

CIPIÃO

(Gritando-lhe) E nada te detenha!

(Noutro tom)

Quero que saibam dos meus novos planos,
e voltem todos aos seus velhos hábitos.

JUGURTA

Não existe, senhor, um só dos nossos
que, ao mesmo tempo, não te tema e ame.
Graças ao teu valor, que todos prezam,
bem sei que, quando as trombas ressoarem,
hão de querer lutar ao teu comando,
com tal bravura e ousadia tanta
que ultrapassarem façanhas fabulosas.

ARAUTO

(distante; em voz alta)

Manda o nosso general
que se apresentem armados
todos os nossos soldados
em seu campo principal.

CIPIÃO

(A JUGURTA)

De início é necessário que se vençam
os vícios que entre a tropa se derramam,
pois êstes nos farão mais dura guerra
que os nossos inimigos de Numância.

(O ARAUTO repete o pregão mais
distante, ao mesmo tempo que os
soldados se aproximam, ruidosa-
mente, com as meretrizes)

ARAUTO

(mesmo tom)

Manda o nosso general
que se apresentem armados
todos os nossos soldados
em seu campo principal.

(Com mais soldados, com Má-
rio à frente)

CIPIÃO

(Sobe a um plinto para arengar
aos soldados. Fala em tom ora-

CIPLÃO

(sobe a um plinto para arengar
aos soldados. Fala em tom orató-
rio)

Pelo orgulhoso aprumo, pelo brilho
de vosso equipamento e vossas armas,
vos reconheço, amigos: sois romanos;
romanos, digo: fortes e animosos.
Mas nessas brancas, delicadas mãos,
nesses rostos lustrosos, nos perfumes,
desmentis vossas armas; pareceis, ...
não romanos, mas filhos de covardes...
Não vos causa vergonha, a vós, de Roma,
que uns poucos espanhóis aqui cercados
defendam este ninho de Numância?
Há mais de dezesseis anos em luta
vêm mantendo esta guerra, em que se orgulham
de haver vencido, do alto dos seus muros,
milhares e milhares de romanos!...
Vós mesmos vos venceis, ao entregar-vos
aos prazeres do vinho e das mulheres.
Se ainda tendes vergonha, envergonhai-vos
de ver como essa aldeia, tão pequena,
resiste às nossas armas poderosas
e, cada dia mais, à nossa guerra!
Não desejo sentir na minha trepa
nenhum perfume que enfraqueça o braço,
mas o cheiro do pezo e das resinas
que são próprios da força de soldados.
Abandonai as taças de bebida,
correi daqui as meretrizes tôdas,
pois são elas culpadas da preguiça,
e da luxúria em que vos despenhais.

(Movimento de dispersão das mere-
trizes)

Não quero para vós ou para mim
nenhum prazer, por mínimo que seja,
enquanto atrás dos muros de Numância
souber que vive ainda um só dos bárbaros!

(a instâncias dos soldados, MÁ-
RIO SOBE A outro plinto)

MÁRIO

Inclito general, se olhaste bem,
deves ter visto em todos os semblantes
o efeito poderoso que causaram
tuas justas palavras de castigo.
Estão todos turbados, porque sabem

que têm a culpa de descer tão baixo.
 Sabem que é justa a tua repreensão,
 sem saber desculpar as próprias faltas.
 Mas hoje querem pôr a teu serviço
 a vida e os bens para maior vitória.
 Aceita, pois, êste oferecimento:
 dá-lhes essa última oportunidade,
 considerando, enfim, que são romanos,
 homens, portanto, em que não falta o brio.

(Aos soldados, em voz alta)

E vós, se estais de acôrdo com o que eu disse
 erguei as mãos para aprová-lo.

SOLDADOS

(erguendo a mão direita)

Estamos!

DECURIÃO

Confirmamos, senhor, quanto disseste.
 Juramos todos!

SOLDADOS

(erguendo a mão direita)

Sim: juramos todos!

CIPIÃO

O vosso juramento de soldados,
 de soldados romanos, me reanima.
 Honrai vossa promessa: não deixeis
 que o vento a leve no seu sôpro rápido,
 mas torna verdadeiro o prometido
 pela fôrça e valor de vossas lanças.

ARAUTO

(aproximando-se de CIPIÃO, a ês-
 te)

Aqui chegam, senhor, dois numantinos,
 seguramente para uma embaixada...

CIPIÃO

Por que não deixam que êles se aproximem?

ARAUTO

Esperam permissão do general

CIPIÃO

Se são embaixadores, venham logo!

ARAUTO

Embaixadores, sim.
 (Sai a mandar que entrem os numan-
 tinos)

CIPIÃO

(A JUGURTA, depois de descer do
 plinto)

Sempre é vantagem tratar com os inimigos frente à frente,
 sejam boas ou falsas as palavras.

(Avançam os NUMANTINOS I e II, entre o silêncio dos soldados que lhes dão passagem. Cumprimos CIPIÃO, com leve inclinação de cabeça).

NUMANTINO I

Vimos, nobre senhor, numa embaixada e, conforme a licença que nos deres, falaremos aqui, perante todos, ou somente contigo, onde mandares.

CIPIÃO

Dou audiência onde estou: podeis falar.

NUMANTINO I

Pois que a tua grandeza assim permite, procurarei cumprir minha missão: em nome de Numância venho a ti, orgulho justo dos Capiões romanos, a pedir que nos dêes a mão amiga como senha e final da nossa luta, luta cruel, travada há tantos anos com tantas perdas para as duas partes. Durante todo o tempo que durou, não encontramos nunca um general a quem pudéssemos propor acôrdo. Hoje, porém, que os fados resolveram conduzir nossa nave a melhor pôrto, recolhemos as velas desta guerra e oferecemos-te uma paz honrosa.

NUMANTINO II

Senhor, não penses que o temor nos leva a rogar-te essa paz que te trazemos, pois nossa resistência já deu provas do poder valoroso de Numância. Tua voz e virtude nos animam a buscar para nós o privilégio de fazermos de ti sincero amigo. Foi isso que nos trouxe, general: oferecemos e aceitamos paz.

CIPIÃO

Vosso arrependimento é bem tardio! Vossa amizade pouco me interessa. Exercitai de novo vosso braço, que eu quero ver o meu do que é capaz, pois que nêles se jogam, num só tempo, a minha glória e a vossa desventura. Creio que é pouco prêmio a vossa paz, depois de tantos anos de combate: renovemos a guerra com seus danos,

despertemos de novo as nossas armas.

NUMANTINO I

Lembra-te, general, que essa arrogância
dará nova bravura aos nossos braços.

NUMANTINO II

Já que negas a paz honrosa e digna
que te vimos trazer e oferecer,
recorda-te que a causa do meu povo
mais se engrandece agora com a recusa
e, antes que pises de Numância um palmo,
conhecerás a fúria do inimigo
que te trouxe amizade e repeliste.

CIPIÃO

(impaciente)

Nada mais a dizer?

NUMANTINO I

Não. Nada mais.

Vamos fazer agora o que tu queres,
não querendo a amizade que trouxemos.
Hás de ver muito breve o que podemos
se mostrares também o que puderes,
pois uma coisa é discutir a paz
e outra é romper entre as armadas lanças.

CIPIÃO

Dizeis uma verdade. E hei de mostrar-vos
que sei melhor da guerra que da paz.
Não desejo aceitar-vos como amigos,
nem o serei jamais da vossa terra.
Podeis voltar!

(vira-lhes as costas)

NUMANTINO II

É teu desejo?

CIPIÃO

(sem se voltar sequer)

Agora!

NUMANTINO I

Assim seja! Verás que os numantinos
sabem num tempo oferecer a trégua
mas sabem, mais que tudo, honrar a guerra.

(Saem os NUMANTINOS I e II).

MÁRIC

(exaltado, a CIPIÃO)

A fraqueza passada que mostramos
deu-lhes a força com que falam hoje.

(Mais exaltado, agitando os braços para os NUMANTINOS retirados)

Mas já chegou o tempo de provarmos,
a nossa glória sobre a vossa morte!

CIPIÃO

Mário, tempera o teu ardor e cala.
 O valor de um guerreiro honrado e bravo
 não se prova jamais ao blasonar,
 mas no embate dos campos de batalha.
 Não desejo que o sangue dos romanos
 volte a tingir a carne desta terra.
 Basta o que já perdemos nesta luta
 sob o golpe do bárbaro inimigo...
 Penso em cercá-los com profundas valas
 e reduzi-los presos pela fome.

(Animando-se)

Cavemos todos essa terra em volta;
 trabalhemos nós todos em conjunto,
 decuriões e soldados, tãda a tropa!
 Eu mesmo tomarei a pá nas mãos!

(Dirigindo-se a JUGURTA)

E tu também, e os próprios capitães.

(Movimentam-se os soldados e começam a aparecer com ferramentas de sapa)

JUGURTA

Poderemos cercá-la quase inteira,
 menos da parte em que entra e sai o rio.

(Todos vão apanhando pás e picaretas)

CIPIÃO

O rio não importa. Cercaremos
 de largos fossos todos os seus muros.

(Toma a picareta de um dos soldados)

E haveis de ver, se os deuses nos ajudam,
 vencido o ousado orgulho de Numância,
 sujeita a Espanha aos pés da grande Roma.

(Caminha com os soldados. Põem-se todos a cavar o chão, no primeiro plano, ao longo das muralhas. A luz vai baixando entre os ruídos e o movimento dos soldados que cavam, até que a cena se obscurece totalmente. No alto, dentro de um cilindro de luz perpendicular, surge a ESPANHA)

ESPANHA

Alto e sereno céu que me coroas
 e as minhas doces terras enriqueces:
 se podes ter piedade dos que sofrem,
 dos que sofrem como eu nesta hora extrema,
 tem piedade de mim, da tua Espanha
 que se afoga no luto mais amargo...
 pela cobiça dos conquistadores!...

Será possível que continuamente
 as nações estrangeiras me escravizem?
 Será que não verei a liberdade
 sacudindo nos céus minha bandeira?
 Com razão se despejam sôbre mim
 os rigores das penas mais ferozes,
 pois os meus próprios filhos valorosos
 em campos diferentes se dividem.
 Nunca em proveito próprio se juntaram
 os afastados ânimos valentes.
 Ao contrário, nas horas mais aflitas,
 a aflição mais e mais os separou.
 E, com suas discórdias, convidaram
 os covardes estranhos ambiciosos
 a ferir-me e a roubar os meus tesouros,
 castigando-me a mim e a todos eles.
 Os mesmos vis e perversos romanos,
 que conseguem vencer em mil regiões,
 evitam enfrentar em campo aberto
 os meus poucos, nas bravos numantinos.
 E tentam reduzir minha Numância,
 não com as armas da luta descoberta
 mas com o covarde cerco dos seus muros! . . .
 Semente o rio Douro vence o assédio
 e, entrando na cidade, ajuda e ampara
 meu prisioneiro povo numantino.
 Douro gentil, aqui te estou pedindo
 que faças o que possas por meus filhos.
 Se com tuas enchentes espantosas
 não me vingas das armas dos romanos,
 jamais nenhuma força salvará
 minha doce Numância agonizante!

(Dentro de um cilindro de luz perpendicular - este de cor verde - o DOURO, deslizando da sombra, parece ao lado da Espanha)

DOURO

Espanha, mãe querida, ouvi nos ares
 o desolado ardor das tuas queixas.
 Se hesitei algum tempo em atender-te
 foi por não ter consólo para dar-te.
 Conforme está disposto nas esferas,
 já se aproxima o triste e negro dia
 que acabará Numância para sempre
 sem outro apêlo à sua mágoa extrema.
 As três águas dos rios que me nutrem
 somei as minhas, numa grande enchente, . . .
 diante da qual as margens se arrebatam. . .

Mas sem temor da mirha audaz corrida,
os romanos procuram dominar-me
como procuram dominar-te inteira,
sendo eu teu rio, e sendo tu a Espanha.
Que importa?... Hoje o romano te subjuga
pisando sob os pés teu solo fértil,
no furor ambicioso da conquista,
Dia virá, porém, em que cumprindo
o que as fôrças dos astros determinam,
êstes mesmos romanos rolarão
vencidos pelo povo que hoje vencem.
Brandirás nesse dia a tua espada
sôbre as tropas de Roma acovardadas
e a liberdade agitará teus ares,
sacudindo na altura as tuas côres,
para espanto de tôdas as nações.

ESPANHA

Assim desejo. E só nesse desejo,
com que me acena a tua profecia,
encontro algum consêlo que atenua
a aflição destas horas de tormento.

DOURO

Espanha, mãe querida, assim será.
Ditosos dias voltarão ainda
aos teus filhos, aos meus, aos nossos filhos.

ESPANHA

Mas que não tardem muito, Douro amigo!
Tu que és o próprio sangue do meu corpo,
tu sabes e que morde as minhas veias!
Mas nem eu sei, nem tu, nem ninguém sabe
até que extremos poderei sofrer
esta guerra que rói a minha carne
num desejo de morte e escravidão.

(Música. Corta-se a luz. Pano)

FIM DO PRÓLOGO

=====

--- 000 0 000 ---

PRIMEIRO ATO

(Tarde. Intervalados sons de trompa. Abre-se a muralha à direita, mostrando reunidos em conselho, no plano baixo, TEOGENES, NUMANTINOS I, II e III, e, atrás, alguns soldados numantinos)

TEOGENES

Conselheiros, cheguei à conclusão de que tudo conspira contra nós, pois dia a dia cai a nossa fôrça e diminui a gente de Numância. Os romanos cercaram a cidade com fundos fossos e maciços muros, e dessa forma torpe nos acabam. O cêrco é de tal modo organizado que nenhuma saída já nos resta. Se vamos pelejar de homem a homem, teremos quatro mil da nossa tropa para enfrentar oitenta mil dos dêles: serão vinte romanos bem contados para cada soldado numantino. Respondei se encontrais algum recurso que nos salve da amarga conjuntura: de um lado, o duro assédio prolongado só nos promete a sepultura a todos; de outro lado, essas valas que cavaram impedem que possamos ir lutar e provar o valor do nosso braço.

NUMANTINO I

Se pudéssemos ir saltando as valas para uma luta igual em campo aberto, o exército romano provaria todo o poder da nossa juventude. Contra o estôrvo do número e da morte, o valor dêstes braços espanhóis romperia os caminhos inimigos, para a felicidade de Numância. Já que dentro dos muros da cidade estamos encerrados como feras, provemos o valor do nosso povo mantendo sempre a nossa frente erguida: proponhamos aos nossos inimigos, já cansados também do longo assédio, que se decida a sorte desta guerra numa batalha singular.

NUMANTINO II

Depende.

E se não for aceita esta proposta,
teremos que buscar novo caminho,
embora com mais riscos para nós.

(Fica um pouco pensativo)

...E se rompêssemos na noite escura
as valas e as muralhas que nos cercam,
e mandássemos nossos emissários
aos amigos que temos, de outras vilas,
dispostos a ajudar-nos nesta luta?

NUMANTINO III

Pela linha romana ou pela morte
temos que abrir caminho à nossa vida;
que importa conservá-la neste instante
se a derrota é perdê-la e desonrá-la?

NUMANTINO II

A fome que nos ronda a cada passo
me aconselha a aprovar qualquer proposta,
mesmo que seja a de buscar a morte,
para evitar a afronta que sofremos.
Quem não quiser morrer de fome aqui
venha comigo derrubar os muros
e abrir caminho à força pela espada.

NUMANTINO I

Esperem! Sorá essa a decisão,
se não lograrmos antes desafiá-los.
Proponho que se peça ao inimigo
o campo para a luta singular.
Mandaremos daqui um numantino
para enfrentar qualquer dos seus soldados,
e que a morte do nesso ou do romano
ponha termo a esta guerra de uma vez.

TEÓGENES

Se os de Roma aceitarem tal proposta
e tendes fé na força do meu braço,
contai com êle e todo o meu esforço
para representar-vos nesta luta.

NUMANTINO I

Meu grande capitão, grande Teógenes,
bem se podem confiar a teu valor
emprêsas mais difíceis e arriscadas,
pois que és sempre o primeiro entre os melhores.
Prezo tanto o poder da tua espada
que já será bastante glória minha
ser o arauto do nesso desafio.

NUMANTINO II

Tentemos, pois, parlamentar com êles
antes que a fome nos transtorne a mente

ou enfraqueça as tuas mãos guerreiras.

NUMANTINO III

Que o céu revogue tôdas as sentenças,
que ainda possam pesar sôbre Numância!
E que esta prova que lhe oferecemos
salve o povo da fome e da derrota.

(Baixa a luz, enquanto partem os
conselheiros, fechando-se as par-
tes da muralha que descobriam o
recinto. Remotos sons de trom-
pas. Espaçados brados de "Senti-
nela, alerta". - Na luz difusa,
no alto, cruzam-se MORANDRO E
LEONÍCIO)

LEONÍCIO

Morandro, tu - por aqui?
Aonde vais, meu amigo?

MORANDRO

Leonício, eu mesmo não sei!...
Já não sei de nada mais!...
Esta guerra... O meu amor...

LEONÍCIO

Quer dizer que aquêlê amor
continua a perturbar-te?

MORANDRO

E, quanto mais me perturba,
mais feliz êle me faz,
apesar da própria guerra.

LEONÍCIO

Creio que é próprio do amor
que êle vença e escravize
e quê sirva de razão
a que outros nos lamentem.

MORANDRO

Não deixa de ser verlade...

LEONÍCIO

Tu me sabes entender,
se digo coisas mais finas,
como eu compreendo e analiso
a tua simplicidade.

MORANDRO

Sou simples só porque amo?
só porque gosto de alguém?

LEONÍCIO

Quem ama terá razões...

MORANDRO

Queres então fazer leis
que devam reger o amor?

LEONÍCIO

Quem faz as leis é a cabeça.

MORANDRO

Podem ser muito bem feitas,..
mas talvez não valham nada,..

LEONÍCIO

Vê, por exemplo, o teu caso:
não parece coisa estranha
que tu que és tão bom soldado,
vivas pensando em amor
num momento tão amargo?
Pensando na tua amada,
pouco a pouco a pátria esqueces
cercada pelo inimigo,
- e não vais lutar por ela!

MORANDRO

Todo o meu sangue fervilha
diante de tal injustiça!
Não existe homem covarde
por causa do seu amor;
Qual o crime que me apontas?
Deixei eu a sentinela
para ir ver a minha amada?
Fiquei acaso dormindo
enquanto os outros velavam?
Se não tenho falta alguma
que precise de desculpa,
onde andarás o meu crime
por estar apaixonado?
Não sabes há quantos anos
eu já gostava de Lira?
Não sabes que o meu penar
ia agora ter um fim,
pois que o pai já concordara,
nós dois já éramos noivos,
e nos íamos casar?
Veio esta guerra terrível
e cobriu de sangue e morte
os nossos sonhos melhores.
Adiamos a cerimônia
para depois da vitória.
Não quisemos afrontar
com a nossa festa de bodas
a tristeza da cidade.
A sorte foi bem madresta:
matou a nossa esperança
ao deixar nossos destinos

dependendo do inimigo.
Ficamos todos cercados
com valas e com muralhas,
como escravos na prisão,
sem ter sequer que comer.

LEONÍCIO

Consola-te, bom amigo,
e procura resistir
olhando o esforço dos outros,
e as penas que os outros têm.
Talvez o céu soberano
nos abra novos caminhos,
para livrar-nos da guerra
e do domínio romano.
Então nessa nova paz,
tu e Lira -- os dois num só --
tereis o lar sossegado
e o amor que compensa tudo.

MORANDRO

Quem me pode garantir
que êste dia há de chegar?

(Vêm entrando, do outro lado, o
FEITICEIRO MARQUINO e MILBIO,
que procuram um sítio qualquer
na sombra)

LEONÍCIO

(apontando o feiticeiro)

Talvez aquêle... Olhe lá,
é o feiticeiro Marquino,
que vem nesta direção...

MORANDRO

Que estranho rosto! e que roupas!
Que virá fazer aqui?

LEONÍCIO

(Toma o braço de MORANDRO, des -
viando-se os dois para um canto
de onde podem seguir todos os
gestos de MARQUINO e MILBIO)

Será melhor que esperemos...
De manhã, diante do templo,
êle disse aos sacerdotes
que esperava uma ocasião
para fazer aos seus deuses
uma consulta terrível
sôbre a sorte de Numância.

MORANDRO

E não será sacrilégio
que olhemos o que êle faz?

LEONÍCIO

Se a consulta tem por fim
saber do nosso destino?
Espere!... Escute o que diz...

(Os dois se aproximam, buscando, sem serem vistos, acompanhar os gestos e ouvir todas as palavras de MARQUINO, que levanta a voz pouco a pouco)

MARQUINO

Foi aqui que enterraste aquele jovem?

MILBIO

Aqui mesmo, senhor: há duas horas.

MARQUINO

Duas horas somente? Estás bem certo?

MILBIO

Eu mesmo fiz a cova. Há duas horas!

MARQUINO

Já me disseste que morreu de fome.

MILBIO

Sim, de fome, senhor.

MARQUINO

Será mais fácil.

Remove um pouco a terra e tira as pedras.

(Começam a remover as pedras)

Essas outras daí. Melhor, agora.

Não toques nêle! As pedras só. Aí está...

Que rosto magro!

MILBIO

A fome!

MARQUINO

Agora, vai-te!

(MILBIO, já aterrorizado, vai saindo, enquanto o feiticeiro se concentra, curva-se e começa depois a invocação em tom magro)

MARQUINO

Ferez Plutão que lá do reino escuro
entre ministros e almas pervertidas
governa os destinos dos mortais:
atende ao que te ordeno, por meu nome!
Eu sou Marquino, ouviste?... sou Marquino
que quer que se levante d'este túmulo,
animado de novo - êste cadáver,
para com a própria voz vir relatar-me
o destino final desta cidade.

(Silêncio)

Vamos, atende! Estás me ouvindo? Vamos!
Não me dás um sinal de que me escutas?

Ou preferes que eu ponha os meus conjuros
como punhais cravados no teu peito?

(Silêncio)

Ah, não queres? Pois bem!

(Sacode a garrafa de um líquido
vermelho sobre o túmulo)

Experimenta!

Bebe! Queima o teu corpo neste fogo!

(Rumores remotos como de trovão)

Gostaste? Então?... Já sabes o que eu quero:
ergue êste corpo do teu chão e anima-o
e faze-o responder ao que pergunto.

(Silêncio)

E então?... És surdo? Ou já não me conheces?

(Toma a garrafa do líquido negro)

Pois vou fazer-te relembrar quem sou!
Sobre a negra memória hei de jogar-te
êste licor trazido do teu rio.

(Começa a derramar o líquido ne-
gro)

Toma! Prova o veneno que corrói!
que funde as próprias pedras do teu reino!
Se estás com sede, bebe mais! Afoga-te!

(Novo troar remoto. O cadáver co-
meça a levantar-se)

Agora! Eu já sabia!... Agora atendes!....
Levanta-te, rapaz! O rosto, ao menos!...
Quero saber de ti qual o destino,
qual a sorte futura do meu povo,
nesta guerra covarde dos romanos!

MORTO

Basta, Marquino! não aumentes mais
o rigor com que os fados me trataram.
Minha primeira vida foi tão áspera
e esta nova que tenho, embora efêmera,
me parece mais dura que a primeira.

MARQUINO

Responde, e voltarás ao teu sossêgo.

MORTO

Seria bem melhor não ter voltado,
não ter voltado para responder-te,
e sofrer mais ainda com a resposta.

MARQUINO

Queres vingar-te: não responderás?

MORTO

Tenho de responder... e êsse é o meu mal.

MARQUINO

Por que prolongas tanto essa resposta,
se é meu povo, é teu povo quem a quer?

MORTO

Não haverá vitória de romanos
sobre o meu povo e o teu.

MARQUINO

Que dizes? Vamos!

MORTO

Numância acabará nas próprias mãos.
A espada dos romanos está limpa,
mas vejo sangue e fogo em nossas ruas ...
e a paz que a morte sabe dar aos homens...
Nada mais me permite que te diga.
E, embora não compreendas o que eu disse,
assim será: o fogo o sangue e a morte.

(Tomba de novo o MORTO)

MARQUINO

Oh, triste, amarga sorte de Numância!

(Retira o punhal da cinta, fe-
re-se com ele, caindo dentro
de mesmo túmulo, enquanto ex-
clama:)

Antes quero a cegueira desta morte
do que ver-te acabar tão desgraçada!

MORANDRO

(aterrado)

Per que ficamos aqui?

LEONICIO

(consolador)

Não vamos desesperar!
Agouros são invenções, ...
são quiméras, fantasias...
Que podem saber os mortos
sobre o destino dos vivos?

MORANDRO

Se ainda tens uma dúvida
sobre o fim da nossa gente,
vá perguntá-lo a Marquino,
ao Morto na sepultura.

MARQUINO não tomaria
tão cruel resolução
se não tivesse entendido
a sentença decisiva.
Temos que avisar o povo ...
sobre o fim que nos aguarda...
Mas já nem sei caminhar...
para levar tal notícia...

LEONICIO

Devemos mesmo avisar?
Suportará nossa gente
mais o golpe deste agouro?

(Baixa, de novo, a luz, ao som distante das trompas. Um grito perdido de: "Sentinela, alerta!" ...Pausa. Volta a luz a subir, lentamente. Novos remotos sons de trompa. A luz cresce. Idéia de manhã. Saem da tenda no plano inferior romano: CIPIÃO, MÁRIO, JUGURTA)

CIPIÃO

Estou contente, amigos, pois os fados fazem tudo a meu gosto nesta empresa, e, sem perder um só dos nossos homens, vou vencendo os ferozes numantinos. Minha vitória cresce dia a dia, quanto mais poupo o sangue dos romanos. Em verdade, haverá glória mais alta, entre as artes da guerra, do que a nossa. Subjugar o inimigo valoroso sem que a espada abandone o seu lugar?

JUGURTA

Certo, não haverá maior vitória se os derrotares sem nenhum combate.

(som distante de trompa)

MÁRIO

Ouve, Cipião... parece que é uma trompa.

(Aproxima-se o som)

CIPIÃO

Um chamado qualquer...

JUGURTA

Talvez o fim...

(Aproxima-se o som. Aparecem NUMANTINO I e outras figuras ao fundo, no alto do muro de NUMANTINIA)

MÁRIO

Talvez nova embaixada para a paz.

CIPIÃO

Por certo, a rendição.

MÁRIO

(apontando o NUMANTINO I que se aproxima)

Na ameia adiante....

É o mesmo embaixador que já nos veio.

CIPIÃO

Mais cordato, talvez... Vamos ouvi-lo...

(Vão avançando para os muros)

JUGURTA

Não cheguemos mais perto. Já nos basta para ficar a salvo de ciladas.

NUMANTINO I

NUMANTINO I

(gritando)

Romanos capitães, estais ouvindo?
Posso falar-vos que me entenderéis?

MÁRIO

(mesmo tom)

Se falas devagar te entenderemos.

NUMANTINO I

Dizei ao General que se aproxime:
Trago nova embaixada de Numância,
mas só a êle, para o fim da luta.

CIPIÃO

(aproxima-se)

Diga logo o que quer: eu sou Cipião.

NUMANTINO I

Numância vem pedir-te, General,
que medites nos anos que perdemos
entre os danos e os males desta guerra
que consome o meu povo e os teus soldados.
Se queres evitar que aumentem mais
os sacrifícios para os dois exércitos,
Numância está disposta a terminá-los.

CIPIÃO

Pelas armas?

NUMANTINO I

Decerto, pelas armas.

Não em luta os dois bando, frente, a frente,
mas numa breve e singular batalha.

CIPIÃO

Não!

NUMANTINO!

Espera, senhor! Em campo raso
um dos nossos soldados se oferece
a combater qualquer dos vossos homens
e termina assim a nossa luta.

CIPIÃO

Não!

NUMANTINO I

Se os fados assim determinarem
que um dos dois lutadores caia morto,
- se fôr o nosso, então terás Numância,
- se fôr o teu, já não teremos guerra.
Responde ao que propomos lealmente
para chegarmos ao mais breve fim.

CIPIÃO

Muda o teu desafio em rôgo humilde

se não queres provar no teu pescoço
 e no pescoço dêsses orgulhosos
 o poder desta espada e destas lanças.
 E assim mesmo hei de ter tua Numância,
 sem que eu perca um sequer dos meus guerreiros,
 sem que salte êste muro e as nossas valas
 o mais desabusado numantino.
 Se achares covardia que eu recuse
 a proposta atrevida que fizeste,
 leve o vento a vergonha de escutá-la
 até que a fama volte com a vitória.

(Volta as costas ao Numantino e vai, com JUGURTA, MÁRIO e seus soldados que se haviam aproximado, caminhando para o fundo, onde, afinal, desaparece, enquanto fala e:

NUMANTINO I

Não me queres ouvir, Cipião covarde?
 Tens medo de combate de um a um?
 Estás comprometendo com a recusa
 o renome que sei que tinhas antes?
 Como chefe medroso me respondes!...
 Sois covardes, romanos: todos vós!
 Confiais, não no valor dos vossos braços,
 confiais somente porque sois inúmeros,
 porquesois vinte vezes quanto somos!
 Sois pérfidos, cruéis e mentirosos,
 ambiciosos, ingratos e tiranos,
 tendes astúcia e não valor na guerra!...
 Que glória alcançareis em derrotar-nos
 se fugis de enfrentar-nos peito a peito?
 Se deixais que êsses muros nos sufoquem,
 já que com as armas não podeis fazê-lo?

(O NUMANTINO foi pelo muro acompanhando os romanos para o fundo, até que desaparece também, enquanto a luz escasseia. Aberto de novo o recinto, corridas as portas da muralha aparece o novo grupo onde estão TEOGENES, NUMANTINOS I, II, MORANDRO e outros)

TEOGENES

Falhou também o nosso desafio
 como acabais de ouvir já relatado.
 Creio que agora nada mais nos resta
 senão buscar a morte cara a cara.
 Mostremos nesta noite aos inimigos
 quanto pode o vigor dos nossos peitos:
 assaltemos as valas e as muralhas,

saiamos para o campo dos romanos,
ali busquemos livres nossa morte:
não a esperemos mais como covardes,
entre estes muros que nos apodrecem.

NUMANTINO I

Teógenes, não penso noutra coisa,
não desejo senão sair com os nossos
e desfazer, com as minhas próprias mãos,
estas negras muralhas que nos matam.
Mas se souberem disso na cidade,
se as mulheres suspeitam dessa idéia,
há de ser impossível realizá-la.

MORANDRO

Já suspeitam de tudo, há muito tempo;
souberam das propostas do conselho
e, por tôdas as ruas, se reúnem
espôsas, noivas, mães e namoradas,
para vir suplicar que os nossos homens
não as deixem aqui.

(Vão chegando as mulheres)

NUMANTINO I

Ei-las que chegam,

(Adiantam-se as mulheres)

MÃE I

Senhores nossos: se, nos maus momentos
que Numância sofreu até agora,
e se, nas boas horas de alegria,
sempre mostramos ser espôsas dóceis,
(como vós tendes sido bons maridos),
por que quereis agora transformar-vos
e, na angústia maior que o céu nos dá,
provar tão mal o vosso antigo amor?

MÃE II

Se na luta quereis perder as vidas,
lembrai-vos que também perdeis as nossas,
desamparando-as antes à desonra.
Seria bem mais próprio de guerreiros
que a vossa mesma espada nos ferisse
antes que os inimigos nos tocassem;
eu que, então, permitísseis de uma vez
que tôdas as espôsas da cidade
fôsem lutar ao lado dos maridos,
junto dêles colhendo a mesma morte.

MÃE III

Que estais pensando, guerreiros?
Alimentais, em verdade,
a idéia de abandonar-nos?

a idéia de abandonar-nos?
 Pretendeis deixar as virgens
 para prêmio dos romanos?
 E as bodas já prometidas,
 para que as gozem os bárbaros?
 Os nossos filhos queridos,
 nascidos em liberdade, ...
 quereis torná-los escravos?...
 Antes os visse enforcados
 nos próprios braços maternos,
 e mortas tôdas as noivas
 pelos punhais de seus noivos,
 e nossas casas a arder
 queimadas por nossas mãos!

MÃE I

Os cães que guardam rebanhos
 não podem desampará-los,
 deixando ovelhas sem guia,
 sem amo e sem proteção.
 Se quereis sair daqui
 para enfrentar os romanos,
 levai-nos junto convosco:
 nossa vida é para vós,
 e nossa morte também.

MÃE II

Pobres filhos de Numância,
 onde estais, filhos queridos?
 Por que também não clamais,
 não rogais com vossas lágrimas,
 para que êstes pais ferozes
 não nos deixem sem amparo?
 Já basta que a negra fome
 vos acabe pouco a pouco,
 sem esperar o rigor
 das rudes lanças romanas.
 Com tôda fôrça gritai
 gritai a todos os ventos
 que fostes gerados livres,
 que em liberdade nascestes,
 e que as vossas bravas mães
 livres também vos criaram.
 Se nada mais vos espera
 pedi, vós mesmos, de joelhos,
 a quem vos deu vida livre
 que agora vos dê a morte,
 em lugar da escravidão!...
 Muros de minha Numância,
 se podeis gritar também,

se podeis gritar também,
gritai mil vèzes comigo;
- liberdade, numantinos!

TÔDAS AS MÃES

Numantinôs, liberdade!

(Avança LIRA, ajoelha-se diante
de TEOGENES)

LIRA

As virgens também confiam
no braço de seus guerreiros,
único alívio e defesa
nas horas negras de pena.
Não nos deixeis no abandono,
dando prêsas tão preciosas,
a mãos cheias de cobiça,
que não merecem favores.
Meu coração advinha
que, nessa vossa saída,
ireis dar vida aos romanos
e morte a tôda a cidade.
Zombarão os inimigos
de vosso inútil valor,
porque os nossos são três mil
contra oitenta mil romanos!
Pensai que somos um só
para a vossa decisão:
fiquemos todos aqui
ou saiamos todos nós!
Velhos, mulheres, guerreiros,
crianças e sacerdotes,
para a vida e para morte,
estejamos todos juntos!
Que o céu nos salve ou nos perca,
nos dê vida ou sepultura,
mas seja uma só de todos:
glória ou morte de Numância!

TEOGENES

(estende a mão a LIRA e faz com
que ela se levante)

Doces, fortes mulheres de Numância,
limpai os olhos úmidos de pranto!
Vossas angústias são também as nossas
e nosso amor é que responde ao vosso.
Falo por mim, por todos os guerreiros:
pode crescer o nosso sofrimento,
multiplicar-se a fome, a sede e a peste:
estivemos convosco em tôda a vida,

estaremos convosco para a morte!
 Apenas não queremos que o inimigo
 possa gozar dos bens que nos pertencem,
 bens que em tôda a existência aqui juntamos:
 proponho, pois, que se erga uma fogueira
 na praça principal, em frente ao templo,
 onde se queimem tôdas as riquezas,
 desde as menores coisas que tenhamos
 aos mais ricos tescuros escondidos.
 E que as chamas abrasem, queimem tudo
 e que não deixem nem sequer as cinzas
 para proveito ou glória dos romanos!

MÃE I

Queimemos tudo, tudo!

MÃE II

E seja logo!

MÃE III

Entreguemos as jóias à fogueira:
 nunca aos romanos!

TÔDAS

Nunca!

MÃE I

Vamos tôdas!

MÃE II

Vamos tôdas!... Ao fogo!...

TÔDAS

Ao fogo! Ao fogo!

(Saem junto com os guerreiros,
 enquanto LIRA se atraza e MO-
 RANDRO A alcança)

MORANDRO

Espera um minuto, Lira!
 Deixa-me ao menos olhar-te,
 gozar um pouco de ti,
 - único bem que me anima,
 que me daria na morte
 uma alegria de vida,
 Cansados de estar morrendo
 nas horas de desventura,
 meus olhos nascem de novo
 diante da tua beleza,
 Mas... que tens? que estás pensando?

LIRA

... Pensando que a nossa vida
 vai aos poucos acabando
 vai morrendo - não com o cerco

que mata a nossa cidade,
mas com meus dias que fogem
e que terminem talvez
antes que a guerra termine.

MORANDRO

Que estás dizendo? que sentes?

LIRA

Não se acaba de tristeza
meu sôpro de vida pobre,
mas dessa fome terrível
que ronda em tôdas as portas
e vence tôdas as vidas.
Que bodas posso esperar
se sou tão débil, tão fraca,
que às vêzes tenho até medo
de morrer diante de ti?
Em casa, estão mortos todos,
e eu creio que ainda resisto
não só pela juventude
mas por fôrça dêste amor
que me conforta e renova
como uma fonte de vida.

(Entra LEONÍCIO ao fundo, ouve
tudo, sem ser visto)

MORANDRO

Enxuga os teus olhos, Lira,
deixa que chorem os meus,
como dois rios correntes
nascidos dos teus pesares.
Embora a fome te assalte,
- juro-te! - não morrerás,
porque tens a minha vida:
por ti, saltarei as valas,
grimparei pelas muralhas,
irei ao campo romano,
sem que ninguém me detenha;
correrei todos os riscos,
abrindo o espaço com a espada,
caminhos com o meu punhal,
e com as mãos arrancarei
da própria boca inimiga
o pão que agora te falta.

LIRA

Falas como namorado;
mas não é justo Morandro,
que eu viva dêsse alimento
comprado com o teu perigo.

Goza a tua juventude
e resguarda a tua vida,
que muito mais do que a, minha
tem valor para a cidade.
Esquece êste pensamento, ...
meu bravo, meu terro amor...

MORANDRO

Por mais que eu mesmo quisesse,
não poderia esquecê-lo:
meu amor e meu destino
me arrastam para segui-lo.

LIRA

Não vás, Morandro querido;
a idéia me dá tal medo
que chego a ver o teu sangue
manchando a espada inimiga.
Não sabes que isso é loucura?
que vais perder-te por mim?
É tão difícil sair!
Voltar é quase impossível!

MORANDRO

Irei de qualquer maneira
e sei que aqui voltarei.

LIRA

Se assim queres, assim seja...
Mas tem cuidado contigo...e, antes, abraça-me, abraça-me,
e leva no meu abraço
a mais doce das certezas:
certeza de que me levas
com teu amor neste abraço.
Adeus... Que o céu te proteja.
E possas ir e voltar
sem que nada te aconteça!

MORANDRO

Que o céu te guarde também.
para alegrar minha volta...

(Lira parte, ocultando as lágrimas.
mas. Aproxima-se LEONICIO)

LEONICIO

Terrível compromisso, o que tomaste!
Mas eu vejo por êle, uma vez mais,
que a covardia não floresce nunca
na alma onde o amor floresce de verdade.
Como sou teu amigo, também quero
correr contigo os riscos desta emprêsa,
ajudar-te a cumprir tua promessa.

MORANDRO

Abençoada amizade que me tens!
 Dividida nas horas de alegria,
vem agora, **no** instante mais amargo,
 repartir-se comigo em novos bens.
 Mas, - não! - fica, Leonício, eu te agradeço.
 Fica em Numância para defendê-la.
 Irei sozinho... e, em breve, hei de voltar
 para trazer à minha amada Lira
 o pequeno presente prometido.

LEONÍCIO

Já te disse que vou: é meu desejo.
 Os **bons amigos sempre** jogam juntos,
 os lances graves e os momentos bons.
 Vou e volto contigo; ou do contrário
 tombaremos os dois no mesmo golpe!

MORANDRO

Ben sabes o perigo dêsse assalto!
 Se ficasses aqui, e eu não voltasse,
 poderias decerto, como amigo,
 encontrar as palavras de consôlo
 que hão de faltar no instante doloroso
 à minha velha mãe e à minha noiva.

LEONÍCIO

Ninguém sabe palavras de consôlo
 que valham nada numa angústia destas!
 Não adianta insistir: irei contigo!

MORANDRO

Está bem. Vamos juntos, se assim queres...
 Aproveitando a noite escura e quieta,
saltaremos es muros inimigos...
 É preciso levar armas ligeiras
 e roupas leves, sem nenhum metal.
 Com bastante bravura, com destreza,
 e um rápido punhal ou sabre curto,
 mataremos uns dois, ou cinco, ou dez,
 mas traremos conosco para Lira
 o melhor pão de todo o acampamento.

LEONÍCIO

Havemos de trazê-lo! Vamos!

MORANDRO

Vamos!

(Saem ambos. Nos últimos momentos, começam a aparecer no plano alto, bem ao fundo, sinais de fogo remoto. Entram lentamente os dois NUMANTINOS I e II)

NUMANTINO I

Parece que a minha alma se converte
 neste pranto de horror que não contendo!
 Melhor seria contemplar a morte
 do que os despojos desta amarga vida!
 Entre as chamas que se erguem feito monstros
 arde tôda a riqueza de Numância,
 todo o tesouro acumulado em anos,
 e trabalhos, esforços e aflições.
 Lá segue o povo inteiro a despojar-se
 das coisas mais queridas de seus lares,
 dos adornos mais caros aos seus corpos,
 para vê-los arder nesta fogueira ...
 como se fôsem lenha sêca ou palha...

(Começam a desfilar mulheres, ho-
 mens, crianças, carregados de
 tecidos, objetos, a caminho do
 clarão no fundo, que aumenta
 gradativamente)

NUMANTINO II

Não houve um só que recusasse dar
 as lembranças mais íntimas, as jóias,
 os tecidos mais finos e obras de arte,
 para nutrir o fogo redentor.
 A cobiça feroz dêesses romanos
 não terá de Numância senão cinzas.

NUMANTINO I

Cinza e sangue de todos e de tudo!
 (continua o desfile)

MENINO

(acompanhando a mãe - parte do
 desfile)

Mamaê, por que não se vende
 tudo isso que vão queimar?
 Com o dinheiro dessa venda,
 a gente comprava pão!

MÃE II

Já não há pão, meu filhinho,
 nem outra coisa qualquer
 que se pudesse comer!

MENINO

Mas eu não quero outra coisa:
 um pedacinho de pão,
 um pedacinho, mamaê!

MÃE III

(com o filho ao seio, carregada
 de tecidos)

Ainda mamas, doce filho?

Não sentes na tua bôca
que êsse gôsto é diferente?
Não vês que o leite acabou-se
e é sangue agora que brota?
Tira em pedaços a carne,
oh, filho da minha vida,
e fortalece o teu corpo,
que já não posso suster-te,
nos braços que vão morrendo!

(Prossegue o desfile. Entra entre os demais, TEOGENES)

TEOGENES

Como cresce êste povo valoroso,
que caminha morrendo para o fogo!

NUMANTINO II

Um caminho de cinzas e de sangue!

TEOGENES

Mas eu sinto que nasce dessas chamas,
dêsse fogo voraz uma alma forte
que há de ser como o sol e a luz futura!
O sangue e o fogo purificam sempre:
e dêste fogo e dêste sangue nosso
há de nascer a Espanha grande e livre!

(Vão crescendo as chamas ao fundo; enquanto prossegue o desfile. A sombra vai baixando, adensando-se enquanto desce lentamente o pano).

F I M D O

PRIMEIRO ATO

--- 000 0 000 ---

SEGUNDO ATO

(Aberto o pano, vê-se ao fundo a fogueira que arde com luz baixa. Ouve-se de repente, agudos, sucessivos, entrecortados sons de trompa. Crescem ruídos, vozes, choques de armas, gritos no fundo à E., lado do campo dos romanos. Saem das tendas, espada em punho, MÁRIO e JUCURTA e se perdem no fundo, rumo aos ruídos. Aumenta o clamor. Finalmente, um grupo de romanos vem perseguindo MORANDRO e LEONÍCIO, o primeiro à frente, na fuga, numa das mãos um cesto de pães, e na outra, o sabre. Brandindo a arma ambos, já ensanguentados, lutam sempre. Cai LEONÍCIO, mas MORANDRO escapa grimpendo a muralha e saltando para o lado de Numância. Chega do fundo JUGURTA, continuando ainda as vozes e surgindo então CIPIÃO, que sai da sua própria tenda, também armado, e se dirige ao grupo ainda excitado e cheio de exclamações)

CIPIÃO

(enquanto JUGURTA se lhe aproxima, com alguns soldados)

Por que êste alarme, capitães? Que foi?...
Será que os numantinos encerrados,
tomados de loucura e atrevimento,
venham aqui buscar a sepultura?
Ou serão os meus próprios comandados
que se esquecem do instante que vivemos?
Tão bem cercado está nosso inimigo
que eu tenho mais suspeitas de um motim.

JUGURTA

Tudo em ordem de novo, General.
Ao primeiro sinal, deixei a tenda
para ver o motivo deste alarme.
Perdemos na verdade alguns soldados

nas mãos dos numantinos...

CIPIÃO

De que forma?
Como podem, cercados como estão
causar danos aos nossos comandados?

JUGURTA

Por incrível que seja...assim fizeram!
Dois orgulhosos jovens de Numancia...

CIPIÃO

(cortando vivamente)

Dois numantinos? "Dois"?

JUGURTA

Sim, dois soldados,
cuja bravura temos de exaltar,
saltando os largos fossos e a muralha
vieram lutar aqui em nosso campo.

CIPIÃO

Pasmoso!...E a nossa guarda?

JUGURTA

Estava a postos.
Os numantinos investiram juntos
e, com tal fúria e arrôjo se lançaram,
que abriram, entre as lanças que os cercavam,
livre caminho em nosso acampamento.

CIPIÃO

"Dois" homens - tu disseste?

JUGURTA

Sim, dois homens.
Era preciso vê-los como entraram.

CIPIÃO

Espantoso! Impossível!

JUGURTA

...como entraram
pelas tendas adentro de Fabrício,
deixando, na passagem, seis dos nossos
por seus punhais agudos trespassados.
Correndo aqui e alí, sempre ferindo,
com mãos mais ágeis do que os próprios pés,
foram de tenda em tenda, a cinco ou seis,
deixando atrás um rio ensanguentado,
semeando a morte e recolhendo o pão,
todo o pão que encontravam pelas tendas.

CIPIÃO

(vai caminhando com JUGURTA e os soldados à proporção que fala para os fundos)

Mas foram mortos, afinal?

JUGURTA

Um só.

CIPIÃO

Um só?

JUGURTA

Um só. Tombou ferido ainda, mas nossas lanças deram cado dele.

CIPIÃO

O outro está preso?

JUGURTA

Não, o outro fugiu.

CIPIÃO

Fugiu?!..

JUGURTA

Ferido, mas levando o cesto em que os dois recolheram nossos pães.

CIPIÃO

Se, estando assim cercados e famintos, são capazes de tal atrevimento, como seriam, se estivessem livres?

(alto, para os muros, de mão erguida)

Ó, valorosos, bravos numantinos, assim mesmo havereis de ser vencidos! Não com o furor violento que mastrais, mas pela sábia astúcia de um romano, mestre em domar soberbos inimigos.

(CIPIÃO desaparece, depois da ameaça feita a Numancia. A luz destaca a figura de MORANDRO, ferido, que se arrasta no alto sobre a muralha)

MORANDRO

Leonício, não vens comigo?

Por que demoras? Responde...

(pausa)

Parece que não vens mais!
Leonício, meu bravo amigo,

começo a ver nestes pães
o preço que eles me custam.
Corre também o meu sangue
sobre este trigo sagrado;
cobrindo as manchas vermelhas
deixadas por tuas mãos.
O cesto pesa no braço;
no coração pesa mais
a tristeza de perder-te....
A morte está me chamando
pela boca das feridas,
mas eu não quero morrer
sem levar antes a Lira
êste pão amargo e triste,
amargo pão inimigo
comprado com nosso sangue,
com o sangue de dois irmãos.

LIRA

(entrando e reconhecendo MORANDRO)

OH, céus! Que vejo?...Morandro,
são meus olhos que te vêem?;

MORANDRO

Teus olhos vieram correndo
para ver mais uma vez
o que nunca mais verão,
logo que acabem meus males.
Aqui tens, Lira querida,
cumprida a minha palavra
de que tu não morrerias
enquanto eu tivesse vida.
Talvez eu te traga as forças
que aos poucos me vão fugindo.

LIRA

Que dizes, Morandro amado?

MORANDRO

Embora aos poucos morrendo,
confesso que estou contente
por poder cortar-te a fome
antes que o negro destino
me corte os fios da vida.
Sinto somente que o sangue
misturado nesses pães
possa amargar-te a boca...

Oh, doce querida minha!
 Eles estavam guardados
 por oitenta mil romanos:
 custam apenas a vida
 dos dois amigos que tinhas.
 Recebe-os com o meu amor,
 recebe-os com a minha vida,
 que agora entrego aos teus braços
 como outrora te entreguei
 a flor do meu coração.

(tomba morto no regaço de LIRA)

LIRA

Morandro, bem de minh'alma,
 dize: que sentes? que tens?
 Recobra as forças, responde!
 Fala comigo, Morandro!...
 Oh, meu destino infeliz!
 Será possível? Não creio!...
 Morandro, não me abandones:
 responde que não morreste!
 Quem foi que te fez assim
 para depois te perder?
 Um noivo terno e valente,
 soldado tão infeliz!
 Teu brio quis afastar
 a morte que me espreitava,
 mas, levando tua vida,
 a minha levou também...

(Toma os pães nas mãos)

Divino pão, encharcado
 do sangue do meu amor,
 do bravo sangue amoroso
 que por mim se derramou,
 já não me podes dar vida
 porque a morte te amargou,
 nem te levo à minha boca
 senão para te beijar,
 para sentir em meus lábios
 o sangue que te tocou...
 E agora - que mais me resta
 senão seguir-te, Morandro?...
 Meu doce noivo querido,
 empresta-me o teu punhal,
 para que eu abra com ele
 o meu caminho também.

(retira-lhe o punhal da cinta)

Mas como é fria esta lâmina!
E por que tremo?...Covarde!
Morandro, ajuda-me...vamos!
Com toda a tua bravura,
ajuda o meu próprio punho,
que eu quero seguir contigo'.

MOÇA

(passando rápida, desesperada,
perseguida pelo soldado de es-
pada erguida)

Oh, socorro!Piedade! Não me firas!
Não ves que sou tão moça? Não me mates!

SOLDADO

Assim quer o senado! Assim se faça!

LIRA

(interpondo-se)

Deixa viver aquela mais feliz
que ainda encontra na vida algum prazer.
Volta a tua arma contra mim: ajuda-me!

SOLDADO

(hesitante)

Sim, o decreto do Senado é este:
que nenhuma mulher fique com vida...
Mas será alguém capaz de erguer a espada
para cortar a tua juventude?
Outras mãos hão de ser: as minhas, não.

LIRA

Já que a tua piedade se mostrou
tão generosa ao meu desespero,
quero pedir-te um pouco mais, ainda:
Leva comigo um teu irmão de guerra
para o seu último repouso.

SOLDADO

(tomando o cadáver)

Vamos!

LIRA

Os céus hão de pagar-te o benefício...

(saem o SOLDADO e LIRA, levando
o cadáver de MORANDRO, enquanto
a luz baixa completamente. No
meio das sombras, vão surgindo,
uma depois da outra, segundo as
falas, a GUERRA, a PESTE, a FO

ME e a MORTE, todas no alto, c/
as máscaras respectivas, cada
uma delas iluminada perpendicularmente,
de cima para baixo, por cilindros de luz,
a mais estranha que se conseguir)

GUERRA

Eu sou a Guerra, a poderosa guerra
por todas mães do mundo detestada.
Mesmo aqueles que ignoram meu poder
entre brados de horror me amaldiçoam.
Hoje faço tombar no pó do chão
o valor desta gente numantina,
mas um dia virá que a ressuscite,
para esmagar esse invasor romano.

PESTE

Sou a Peste, que segue nos teus rastros,
ceifando o chão de incêndios que semeias:
mino os corpos que feres nas batalhas
e os que escapam de ti - colho-os nos braços.
Salto contigo os fossos e as muralhas
e onde não chegas com as tuas armas,
chega o meu sopro frio de extermínio.

FOME

Irmãs, eu sou a Fome, a fome pálida
que começa nos campos devastados
e que cresce onde os braços do trabalho
estão presos nos punhos das espadas.
Na procissão de males que conduzo,
vão mulheres, vão velhos, vão crianças,
e o fogo que eu lhe ponho nas entranhas
arde mais do que a febre das moléstias,
mais do que o sangue que corre das feridas.

MORTE

Este é um dia de glórias para mim.
Vêde por toda parte o que semeastes
e a colheita abundante que terei:
em cada cama - enfermos na agonia,
famintos aos montões - em cada esquina
e nas praças, nas ruas da cidade -
as espadas dos próprios numantinos
trespassando mulheres e crianças...
Vinde comigo! Vamos à colina
onde se ergue a fogueira arrasadora.
Vinde ver: são os homens de Numancia

fwrindo os próprios filhos e as espôsas
e, entre gritos de dor e desespero
atirando-se ao fogo redentor!
Vinde comigo, vamos ver o fim!

(Apagam-se os projetores. Desaparecem as 4 figuras. Se possível, caminharão batendo^{em} cada porta, até o fundo, onde sumirão. Entra TEÓGENES, acompanhado da espôsa - MÃE 1 - e duas crianças)

TEÓGENES

Filhos meus, doces filhos de minh'alma:
livres nasceste e viveste livres
nesta sagrada terra de Numancia,
e não sereis jamais escravizados
porque ninguém nos vencerá jamais!
Nem tu, querida espôsa e vida minha,
nem tu has de sofrer que os inimigos
ponham na tua graça e no teu corpo
manchas de olhares e de mãos imundas.
Hei de salvar-vos todos dessa afronta
com a minha espada e as minhas próprias mãos!
A fim de que a cobiça dos romanos
não tenha de Numancia senão cinzas,
a decisão tera de ser cumprida
por mim, por todos nós, sem exceção.

MÃE 1

Se houvesse um meio de escapar com honra
dessa morte feroz que nos aguarda,
ninguém seria tão feliz como eu.
Mas se é impossível outra salvação,
colhe tu mesmo a glória de matar-nos,
pois prefiro tombar sob os teus golpes
a viver ou morrer por mãos romanas.

(saem os 4, lentamente. Logo depois, de outro lado, aparecem com ar assustado de fuga, VIRIATO e SÉRVIO)

VIRIATO

Sérvio, falas em fugir,
mas por onde fugiremos?

SÉRVIO

Não sei, Viriato, não sei.

VIRIATO

Caminha, então, mais depressa!
ou queres mesmo perder-nos?
Não vês que há tres mil espadas
correndo para matar-nos?

SÉRVIO

Não sei como fugiremos
de tantos que nos perseguem.
Não vejo caminho algum,
nem sei de lugar seguro!

VIRIATO

Conheço um esconderijo
naquela tórre mais alta:
conheço a porta, as escadas,
e ninguém nos achará.

SÉRVIO

Mas é tão longe, tão alto,
e eu me sinto enfraquecido.
Andamos, corremos tanto
que já não tenho mais forças.

VIRIATO

Não queres vir?

SÉRVIO

Se eu não posso...

VIRIATO

Vais ser pior para tí!
Se ficares na cidade
vão te matar, com certeza...
se não morreres primeiro
de fome ou de medo deles.

SÉRVIO

Não tenho forças: é inútil...
Depois, se alguém nos encontra
escondidos lá na tórre...

VIRIATO

Ninguém há de nos encontrar.

SÉRVIO

...a morte será pior...

VIRIATO

Fujamos, enquanto é tempo

SÉRVIO

Não sei se será melhor!
Se vem depois os romanos,
nos matam do mesmo modo
ou nos levam como escravos!

VIRIATO

Os romanos?...Fugiremos.

Acharemos algum meio.

(vem surgindo TEÓGENES com duas espadas ensanguentadas, uma em cada mão.)

SÉRVIO

Viriato, fuge, Viriato!

VIRIATO

Vem comigo!

SÉRVIO

Não! Adeus!

(sai um para cada direção)

TEÓGENES

Sangue, maldito sangue dos meus filhos:
sangue das próprias veias do meu corpo,
por minhas próprias mãos sacrificado!..
Como pude encontrar tanta bravura,
tão funesta bravura, que bastasse
para cortar a minha própria vida?
Oh, céus! Oh, céus vazios de piedade,
contemplai o que sou e o que há de mim!
Vêde se existe em toda a minha carne,
se existe no meu sangue ou na minh'alma,
outro desejo que não seja a morte.

(com as exclamações, aproximam-se os numantinos 1 e 2)

Imaginai, valentes numantinos,
que eu seja o mais odiado dos romanos,
e vingai no meu peito a vossa afronta
ensanguentando nele a espada e as mãos!

(atira-lhes uma das espadas ensanguentadas)

Levantai essa lâmina terrível
onde o meu desespero ainda crepita!
Lutai comigo, para que eu não sinta
esta morte que me arde nas entranhas!
E depois de cortá-la no meu ser,
arremessai às chamas o meu corpo;
rogai que o fogo me devore inteiro,
que o fogo me calcine os próprios ossos,
e que o vento desfaça as minhas cinzas
para acabar a dor que eu sinto em mim!

NUMANTINO 1

Que novo modo de morrer procuras,
ó Teógenes, grande valoroso?
E por que nos impões, com teu pedido,

essa nova desgraça para nós?

TEÓGENES

Se não morreu ainda no teu peito
aquele velho brio numantino,
toma essa espada e mata-te comigo!

NUMANTINO 2

Seja assim para os tres, e assim será.
Mas lutemos na praça, ao pé do fogo,
para que o fogo possa consumir o último sangue e as armas de
Numancia!

(NUMANTINO 1 apanhou a espada,
durante a fala do 2, e os tres
partem para o fundo, na dire-
ção do clarão da fogueira. De-
saparecem. Baixa a luz. Aclar
ra-se o campo romano, onde apa-
recem CIPIÃO, MÁRIO, JUGURTA
e SOLDADOS)

CIPIÃO

Se são mentirosos os sinais
que vimos em Numancia ultimamente,
e se as minhas suspeitas não me enganam,
temo que o nosso bárbaro inimigo
contra si mesmo se tenha erguido.
Já não surge ninguém sobre as muralhas,
nem se escutam pregões de sentinelas:
o silêncio é tão grande e tanta a calma
como se em paz tranquila e sossegada
vivessem hoje todos de Numancia.

MÁRIO

Se estiveres de acôrdo, General,
num momento sairemos desta dúvida:
subirei pelo muro e lá de cima
poderei observar toda a cidade.

CIPIÃO

De acôrdo, Mário: encosta logo a escada.

MÁRIO

(para um soldado, que logo lhe
atende a ordem)

Ermílio, apronta a escada e traz o escudo!
Ou perco a vida em luta, se eles surgem,
- e alguma coisa ssin se saberá -
ou do contrario, saberemos tudo.

(caminhando para o muro)

Encomendem-me aos céus! E já verão
que sempre cumpro à risca o prometido...

CIPIÃO

(alto, enquanto MÁRIO sobe)

Assim! Assim! Levanta o escudo um pouco mais.
Cobre a cabeça e encolhe mais o corpo!
Atento! Estás em cima: vamos, olha!

MÁRIO

(depois de olhar)

Ó céus! Será possível?

CIPIÃO

Que houve, Mário?

MÁRIO

(já sobre o muro)

Não vejo Numancia, mas um lago
imenso de sangue derramado,
e mil corpos nesse sangue.

CIPIÃO

Corpos somente? E nenhum vivo, Mário?

MÁRIO

Até onde meus olhos podem ver,
não vejo um só vivo pela cidade!

CIPIÃO

Salta a murakha, então, mas com prudencia!
Talvez o desespero dessa gente
nos tenha feito essa última cilada.
Jugurta, vai também! Não, vamos todos.

JUGURTA

General, é melhor que não te arrisques:
pelo posto que tens, é mais prudente;
convém poupar o nosso comandante.
Vou ver... e logo saberás de tudo.

(arma-se e sai rápido, subin
do logo a escada)

CIPIÃO

Que haja ao menos um vivo! Ao menos um!
Do contrário, talvez na própria Roma,
me seria negada esta vitória...
Bem sei que pela força, frente a frente,
ninguém derrotaria essa nação
tão cheia de valor e de bravura!
Por isso mesmo, tive de cercá-la,
encurralá-la, como fera idômita,
para vencê-la pela minha astúcia...
Se ^{não há} um só sobrevivente - onde o triunfo?

Quem poderá dizer que te domou,
ó feroz inimiga dos romanos?

MÁRIO

(aparecendo de volta no alto
do muro)

As nossas forças foram empregadas
sem nenhum resultado, General.
Foram em vão as tuas diligências,
pois os nossos anseios de vitória
e toda a tua astúcia militar
se desfizeram como fumo ao vento.
A triste história e o lamentável fim
desta invicta cidade de Numancia
na memória do tempo não de ficar.
Nossos desígnios todos se perderam,
porque, mais forte que o poder de Roma
foi a bravura deste povo inteiro!

CIPIÃO

O céu é testemunha de que eu digo:
não havia em meu peito nem orgulho,
nem desejo de mortos incontáveis,
nem bárbara arrogância - mas prudência.
Sempre usei de piedade e de justiça
e sei que ser benigno com os vencidos
engrandece o valor dos vencedores.

JUGURTA

(de volta, no muro)

Acabaram-se todos, General:
na cidade não há senão cadáveres.
O céu não quis, porém, que de Numancia
pelo menos um filho não ficasse
para te dar a glória que mereces.

CIPIÃO

Jugurta, achaste alguém?

JUGURTA

Creio que sim.

CIPIÃO

Como?

JUGURTA

Quando voltava, percebi,
no alto da torre, um movimento rápido:
tenho a impressão de que era um jovem.

CIPIÃO

Vivo?

JUGURTA

Moveu-se. Procurei por todos os lados:
não consegui achar uma entrada.

CIPIÃO

(movendo-se com os soldados)

Vamos à tôrre! Vamos todos!
 Façamos o possível e o impossível
 para ter esse jovem numantino
 que há de ser o troféu desta vitória!
 Se ~~não~~ consigo apanhá-lo em minhas mãos
 hei de mostrar a Roma o meu triunfo!

JUGURTA

(apontando para Viriato, que aparece sôbre a tôrre)

Ei-lo, senhor! E move-se! Está vivo!

CIPIÃO

ó ceu bendito! Ajudame a vencer.

(vão subindo pela muralha, envolvendo a torre)VIRIATO

Que pretendeis, romanos cobiçosos?
 Se em Numancia afinal quereis entrar,
 retardai vossos passos um momento.
 Ainda conservo em minhas mãos as chaves,
 as chaves da cidade desgraçada,
 vencida pela morte, e não por vós!

CIPIÃO

Por essa chaves ~~pé~~ que venho aqui,
 esperando que desças dessa torre
 para entregar-me o premio que alcancei.
 Só então sentiras que o vencedor
 sabe usar de peidade com o vencido.

VIRIATO

Tarde demais propões tua clemencia:
 já ninguém dela pode aproveitar-se...
 De que me serviria essa piedade
 depois de ter sentido a fome e o fogo a devastar as casas de
 Numanci e de ter perdido pais e irmãos?
 Guarda contigo mesmo o teu tesoura
 dessa tardia generosidade!

MÁRIO

Oh, jovem numantino, não percebes
 que o desespero te cegou os olhos?
 Não ves que desejamos resguardar
 a tua vida e a tua juventude?

VIRIATO

Que valor pode ter a juventude
 escravizada às lanças de um senhor?

CIPIÃO

Reflete um pouco, nobre moço ousado,

refreia o teu ardor, modera o teu orgulho;
 o que estamos propondo é são e justo:
 tu és um só - nós somos incontáveis.
 Nosso valor é superior ao teu!
 Deves, pois, sujeitar-te às nossas mãos.
 E, ^{se} assim fizeres - eu te juro -
 serás livre e senhor da tua vida,
 viverás todo o tempo que viveres
 com todas as vantagens generosas
 que porventura eu possa oferecer-te.

VIRIATO

Todo o furor de quantos pereceram
 deste meu povo reduzida a cinzas'
 todos os sofrimentos e traições
 que ele sofreu, cercando tanto tempo,
 - estão reunidos no meu peito agora.
 O sacrifício e o brio de Numancia
 estão acesos no meu coração
 e o pensar em vencer-me - é desvario...
 Pátria querida, pátria desgraçada,
 não temas que eu vacile um só momento
 para cumprir o meu dever final.
 Nasci na tua carne - em ti me criei -
 sofri em horas de amargor,
 mas saberei vencer o próprio medo,
 assim como as astúcias do inimigo!
 Abandonem-me os céus, falte-me o chão,
 levantem-se exercitos do mundo,
 - mesmo assim saberei, pátria querida,
 defender contra todos o teu nome!
 E vós, irmãos, amados numantinos,
 podeis dormir tranquilos vosso sono,
 que eu cumprirei a vossa decisão,
 pois os romanos não terão vitória
 senão sobre o cadáver de Numancia!

(a um sinal de CIPIÃO, come
 çam os soldados a subir pe -
 las escadas, para o muro)

Não vos canseis em assaltar os muros,
 pobres soldados de tardia ardor!

(

(retira o punhal do cinto pa
 ra exhibi-lo)

Por mais valor que houvesse em vossas lanças,
 nenhuma se igualaria a este punhal!
 Contemplai! Esta é a lamina sagrada
 que, pelo amor dos mortos que me chamam,
 vai arrancar das mãos de vossa Roma

o orgulho da vitória de Numancia!

(crava o punhal no peito e
tomba da torre, por dentro do
muro, diante da exclamação ar
rebatada de todos)

CIPIÃO

Oh, façanha exemplar e nunca vista!
Não somente engrandeces a Numancia
mas exaltas a Espanha e os seus guerreiros!
Pela tua virtude heroica e estranha,
matas o meu direito de conquista!
Ao tombar o teu corpo, ó bravo jovem,
ergues mais alto ainda o teu valor,
e derrubas ao chão ao minha glória!
Qualquer povo do mundo se honraria
de ^{te}ter como filho do seu sangue
e, embora morto, ainda me causas pasmo,
como dás vida à terra de Numancia!
Tu soubeste ganhar com feito heroico
a batalha final da nossa guerra,
e a Fama há de contar por todo o tempo
como venceste aqui teu vencedor...
Guardai, velhos soldados, este exemplo,
baixai vossas cabeças diante dele
e aprendei desse jovem numantino
o valor de morrer para a vitória!

(todos baixam a cabeça, e di-
minui a luz. Aparece, no alto
a fama, destacada por um pro-
jetor)

FAMA

Sim, baixai a cabeça! e ouça-se a voz
a clara voz da fama, para sempre,
a eternizar o gesto heróico e puro
na memória de todas as nações!
Baixai, romanos, a soberba fronte
em respeito a esta livre juventude
que soube arrebatat-vos a vitória,
a mais honrosa que podíeis ter!
Esta proeza está vos dando o dindício
do valor que, nos séculos vindouros,
hão de mostrar os filhos desta raça!
E nem o tempo que consome os fatos,
nem a distancia que amortece os ecos,
esquecerão jamais o nome de Numância.

(baixa a luz e cai o pano)



M.J.-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO A destruição de Numância

PARECER

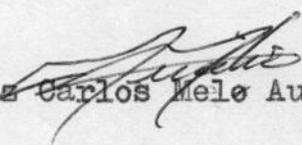
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 anos

Peça censurada em 10 de fevereiro de 1971 pelos técnicos de censura Dalmo Paixão e Wilson Camargo.

Após exames nota-se pequenas modificações, principalmente nas divisões dos quadros e dos atos, / porém guardando as mesmas substâncias.

Tratando-se de peça com censura anterior e com texto semelhante, sugerimos a liberação com a / mesma impropriedade, 16 anos.

Brasília, 13 de outubro de 1971


Luiz Carlos Melo Aucelio

JAR3039 AL7
LA FEDERAL
REPUBLICA

Libere-se com 14 anos,
na forma do parecer
do Chefe da SC.

Cur. Hoffm.

Wipellm

Resp. p. Chefe SCSP.

Dr. Chefe:

PARCELA

O T. Cesura mantém o
critério anterior 16 anos.

19.10.71

[Handwritten signature]
P/T etc

Dr. Chefe do SCSP:

O texto tentado e questionado já foi liberado em vários impérios de SCSP: CIVRE, livre com cotas, 14 e 16 anos. Existe no processo 1 (un.) relatório de encaminhamento a parte etária de 14 anos. Isto posto, a SC pronuncia-se no sentido de liberação de esportistas em a impropriedade de se emitir um ensaio geral, substituindo-se os outros, criticando em vista com clarificação diferente da assentada naquele instrumento.

21.10.71

[Handwritten signature]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4.343/71

PEÇA / ~~...~~ A DESTRUÇÃO DE NUMÂNIA : : : /

ORIGINAL DE MIGUEL DE CERVANTES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 11 de NOVEMBRO de 19 76

Brasília, 11 de NOVEMBRO de 19 71

PROIBIDO
PARA MENORES DE
14 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

Rogério Nunes
ROGÉRIO NUNES

revivo

PROC.:	539
LIV.:	01
PAG.:	14
REQ.:	448

MJ - DPF - DCDP	
ARQUIVO	
N.º PROTOCOLO:	016703
PRACA:	SÃO PAULO-SP
JÁ LIBERADA:	Sim
IMPROPRIEDADE:	16 anos
N.º CERTIFICADO:	448
TÉRMINO VALIDADE	1 / 19

NUMÂNCIA

ou

A DESTRUIÇÃO DE NUMÂNCIA

MIGUEL DE CERVANTES

02
[Signature]

Ilmo. SR. CHEFE DE CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL

M. D. P. P. - SRA. J. B. S.

9 ABR 1938 076702

BRASILIA

RECEBIDO POR [Signature]

EU Caxias Pinto
Residente a Rua (Av.) Alagoas
N.º 9 Apfo. Estado Civil casado

venho mui respeitosamente requerer á Vv. Ss. que se digne mandar censurar
a Peça: Humancia
Autoria de: Cervantes

Trad. (Adap.)
Que será representada a partir do dia 14 / 06 / 33
na Cidade Jão Picante Estado S. Paulo

pelo Grupo ou Empresa Teatro Estorvante Martin Afonso
com Cobrança de Ingressos.

Junto segue 3 (Três) cópias do Texto.
& Autorização da SBAT N.º _____

Nos referidos termos

P. deferimento

[Signature]



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

SÃO PAULO

~~RIO DE JANEIRO~~, 4 de ABRIL

de 19 73

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
"NUMÂNCIA"

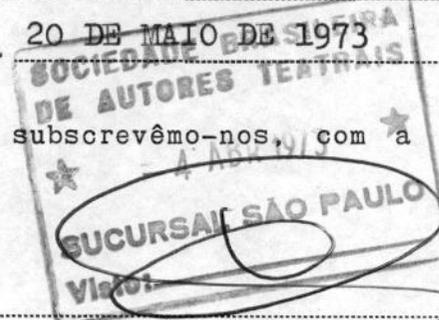
DE: CERVANTES

próxima apresentação da TEATRO ESTUDANTIL MARTIM AFONSO

no Teatro TEATRO JANGADA

com estréia marcada para o dia 20 DE MAIO DE 1973

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,



Djalma Bittencourt
Superintendente

04
500

S. C. T. C.

TÍTULO: NULMÂNCIA ou A DESTRUIÇÃO DE NULMÂNCIA

GÊNERO: PEÇA

1) S. ARQUIVO

Arquivado

Documentação: Em ordem

Já liberada?: sim

Clas. Estária anterior: 10 anos

Praça: SÃO PAULO - SP

DF. 10.10.73

[Handwritten signature]

Chefe do Arquivo

4) CHEFE S. C.

*Se liberado
Conforme o
parecer 22/11/73
fugido ao quôdara
2905 - Esp 17473*

[Handwritten signature]

[Large handwritten mark]

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: _____

Técnico de Censura: _____

Técnico de Censura: _____

Data para Exame: de ____ a ____

OBS: _____

DF. ____

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

*De acordo com o parecer
AN 2.241/73.
Exulta-se os certificados
dos com validade de quator-
ze (14) anos, sem cortes,
condicionados ao curso
geral e com validade até
11.11.76.*

[Handwritten signature]

F. VA DE AZEVEDO NETTO
Chefe de SCTC-SC/DCDP

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em 17 de 1973

[Handwritten signature]

Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 221173Título: NUMÂNIA - CERVANTES.Classificação Etária: 14 (QUATORZE) ANOS.Espécie: PEÇA TEATRALCom cortes: NÃOBoa Qualidade: ---Livre P/Exportação: ---Dublado: ---Legendado: ---Vedada a Exploração Comercial: NÃOCenas: condicionadas ao ensaio geral.Época: ---Gênero: ---Linguagem: ---Tema: ---Personagem: ---Mensagem: ---Enredo: ---

1 - Cortes:

2 - Conclusão: Feita a comparação dos textos, constatei tratar-se de peça já censurada e liberada conforme certificado nº 4343/71 com validade até 11.11.76. Sugiro que se mantenha a mesma classificação anterior.

Brasília, 16 de abril de 1.973

CARLOS ALBERTO BRAZ DE SOUZA

DPF-507

06
AA

167/73 - SGTG/SC/DCDP

16 ABRIL

3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - SÃO PAULO

" NUMANCIA "

" MIGUEL CERVANTES "

SUPERINTENDENTE

TEATRO ESTUDANTIL MARTIN AFONSSO



448/73

NUMANCIA OU A DESTRUIÇÃO DE NUMANCIA

MIGUEL DE CERVANTES

11 NOVEMBRO

76

17

ABRIL

73

- ROGÉRIO NUNES -

PROIBIDO PARA
MENORES DE
14
QUATORZE ANOS

10-11-1973

14

: NUMÂNCIA OU DESTRUIÇÃO DE NUMÂNCIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0285, p.148/148

: MIGUEL DE CERVANTES

: TEATRO ESTUDANTIL MARTINS AFONSO - SP -

16

ABRIL

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDI-
ONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTÊ CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALI -
DADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: CARLOS PINTO

17

ABRIL

73

MH

Deusdeth Burlamaqui
- DEUSDETH BURLAMAQUI